

Atribuição de autoria em discussão: o caso dos títulos dos capítulos da *Peregrinação*

Attribution of authorship in discussion: the case of chapter titles of *Peregrinação*

César Nardelli Cambraia*
Evandro Landulfo Teixeira Paradelo Cunha**

RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir a atribuição de autoria dos títulos dos capítulos da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Do ponto de vista teórico, adotou-se a concepção de autoria como uma série de funções desempenhadas durante a criação da obra, com base em Love (2002). Do ponto de vista metodológico, fez-se comparação entre quatro *corpora* (títulos dos capítulos da *Peregrinação*, textos dos capítulos da *Peregrinação*, cartas e informação em língua portuguesa de Fernão Mendes Pinto e duas obras de Francisco de Andrade). Testou-se a hipótese de que Francisco de Andrade foi o autor dos títulos dos capítulos da *Peregrinação*, com base em Maldonado (1620). Foram encontradas evidências internas de que Pinto redigiu títulos, mas também se identificaram evidências internas da presença de Andrade nos referidos títulos. A interpretação final proposta para o caso é a de que o próprio Fernão Mendes Pinto redigiu e inseriu títulos na sua obra, mas apenas após ter terminado o texto dela, e Andrade realmente fez intervenções nos títulos.

Palavras-chave: Autoria; Estilística; Fernão Mendes Pinto; Francisco de Andrade.

Recebido em 10 de abril de 2022.

Aceito em 15 de agosto de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.1311>

* Universidade Federal de Minas Gerais, nardelli@ufmg.br, <http://orcid.org/0000-0002-2403-3021>

** Universidade Federal de Minas Gerais, cunhae@ufmg.br, <http://orcid.org/0000-0002-5302-2946>

ABSTRACT

This study aimed to discuss the attribution of authorship of chapter titles of the work *Peregrinação*, by Fernão Mendes Pinto. From a theoretical point of view, the adopted concept of authorship was a series of functions performed during the creation of the work, based on Love (2002). From a methodological point of view, a comparison was made between four *corpora* (chapter titles of *Peregrinação*, chapter texts of *Peregrinação*, letters and information in Portuguese by Fernão Mendes Pinto and two works by Francisco de Andrade). It was tested the hypothesis that Francisco de Andrade was the author of the chapter titles of *Peregrinação*, based on Maldonado (1620). Internal evidence was found that Pinto wrote titles, but internal evidence of Andrade's presence in those titles was also identified. The final interpretation proposed for the case is that Fernão Mendes Pinto himself wrote and inserted titles in his work, but only after finishing the text of it, and Andrade did make interventions in the titles.

Keywords: Authorship; Stylistics; Fernão Mendes Pinto; Francisco de Andrade.

Introdução

Diferentemente da descrição linguística de variedades modernas, em que o linguista pode controlar o processo de coleta de dados para assegurar a estrita relação entre informante e produção linguística, a descrição de variedades linguísticas pretéritas impõe ao linguista a necessidade de realizar uma série de ponderações em relação aos dados: a produção linguística (no caso de épocas muito remotas, preservadas apenas na forma de textos escritos) já está constituída e não é possível elicitar nova produção em condições controladas. Trabalha-se com o que sobreviveu ao tempo. É justamente por isso que Labov (1982, p. 20) caracteriza a linguística histórica como “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”:

A linguística histórica pode ser caracterizada como a arte de fazer o melhor uso de maus dados, no sentido em que os fragmentos do registro escrito que subsistem são os resultados de acidentes históricos além do controle do pesquisador. (tradução nossa)¹

1 No original: “Historical linguistics may be characterized as the art of making the best use of bad data, in the sense that the fragments of the literary record that remain are the results of historical accidents beyond the control of the investigator”.

Embora tenha sobrevivido um volume considerável de textos pertencentes ao período do português clássico (sécs. XVI-XVII), cada um tem suas especificidades e, por isso, exige, ainda assim, um trabalho complementar de discussão para ser usado como fonte de dados para uma descrição linguística. No presente trabalho, discute-se uma especificidade da obra *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto²: a autoria dos títulos dos capítulos dessa obra.

1. *Status quaestionis*

A obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (ca. 1510-1583), foi publicada em Lisboa, na oficina de Pedro Craesbeck, em 1614. Trata-se de uma narrativa, composta de 226 capítulos, que conta as viagens de seu autor de Portugal ao Oriente entre 1537 e 1558.

Para discutir o período de composição da obra, Garcia (1995, p. 11) chama a atenção para quatro informações principais: (a) a menção à obra na carta do padre Cipriano Soares (que conheceu Fernão Mendes Pinto) ao padre Diego Mirón, datada de 22/02/1569, em que fala do contato entre Fernão Mendes Pinto e João de Barros, que ocorreu em 1568; (b) a menção à obra em uma carta do próprio Fernão Mendes Pinto a Bernardo Néri, em italiano, datada de 05/04/1571; (c) a última referência cronológica no último capítulo na própria *Peregrinação*, ou seja, a menção à rainha Catarina de Áustria, esposa do rei D. João III, falecida em 06/02/1578 e referenciada como já falecida na passagem da obra (cf. “que santa gloria aja”); e (d) a menção à leitura da obra ao rei D. Filipe II, da Espanha [Filipe I, de Portugal], que esteve em Portugal entre junho de 1581 e fevereiro de 1583, por Francisco Herrera de Maldonado, na apologia escrita por este e datada de 30/05/1618, a qual foi publicada por

2 Este estudo foi realizado dentro do quadro do Projeto “Para uma gramática do português clássico: o sintagma nominal e suas funções na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto [Fase I]”, Produtividade em Pesquisa, CNPq, 2021-2024.

ele em 1620, junto da tradução espanhola que preparou da obra. Garcia (1995, p. 11), confrontando esses dados também com alguns fatos da vida do autor, propõe a seguinte síntese sobre a cronologia da composição da obra:

O período principal em que foi redigida a *Peregrinação* poder-se-á situar na década entre 1568 e 1578 (...), podendo eventualmente ter sido começada a redigir entre 1563 e 1568 e retocada depois de 1578. Admitimos que Fernão Mendes Pinto em 5 de Abril [de] 1571 estaria numa fase em que ainda não redigira grande parte da descrição da China baseado no que vira, soubera e lera.

Fernão Mendes Pinto morreu em 08/07/1583, sendo sua obra publicada apenas postumamente. Segundo Garcia (1995, p. 13), o manuscrito da obra teria sido consultado por jesuítas, como João de Lucena (1549-1600), antes de sua publicação. Pelo *Privilégio*, datado de 06/11/1613, no início da obra, dá-se a saber que o manuscrito foi doado por suas filhas à Casa Pia dos Penitentes de Lisboa (“licença para se imprimir o liuro da historia da peregrinação de Fernão Mendez Pinto que hũas filhas suas deixarão à ditta casa”, f. i-v), o que é reiterado na *Dedicatória*, datada de 26/02/1614 (“pela particular deuação que teue em sua vida a esta sancta casa (...) lhe deixou por sua morte este largo itinerario de seus trabalhos”, f. ii-r). De acordo com Maldonado (1620)³, o manuscrito teria sido entregue a Francisco de Andrade⁴ para preparação, cuja atuação avaliou ter sido negativa:

3 Para uma edição diplomática da *Apologia* de Maldonado, conferir o anexo ao final deste artigo.

4 Segundo dados biográficos apurados por Loureiro (2017), Francisco de Andrade nasceu em 1540, em Lisboa, e era filho de Fernão Alvares de Andrade, um fidalgo da casa real de D. João III, o qual era então escrivão da fazenda e tesoureiro-mor do reino. Esteve na Universidade de Coimbra entre 1562 e 1563 e, por volta de 1572, casou-se com Helena da Costa, estabelecendo residência em Almada, cidade onde já morava Fernão Mendes Pinto desde 1563. Esteve ligado à Câmara e à Misericórdia dessa localidade entre 1580 e 1590, nas quais exerceu diferentes cargos. Em 1593, foi nomeado cronista-mor do reino, tendo recebido o encargo de escrever as crônicas dos reinados de D. João III, de D. Sebastião e também de D. Henrique, A partir de 1598, ocupou também o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo, do qual foi exonerado em 1603. Faleceu em 1614.

Isto poderia advertir Francisco de Andrada⁵, cronista-mor deste Reino de Portugal, quando estes originais de Fernão Mendes Pinto vieram às suas mãos, *para que os arranjasse, corrigisse e emendasse antes de imprimi-los*, pois não saíram bem das [mãos] de homem tão douto sem a averiguação necessária destas verdades, para, com isso, dar mais estima à obra e mais reputação ao dono, já que quis ignorar que, para sua própria [obra], não tinha desculpa um descuido tão grande, porque deixou este livro tão imperfeito que, *ao invés de corrigi-lo, voltou a ofendê-lo*, dando oportunidade ao mal que lhe dispôs, para que, de suas verdades, criassem dúvidas e opiniões os homens de talentos pestilentos (...). Depois da [vida] do autor, procurou-se dar estas curiosidades à estampa, por parecer de todo digníssimas, e, vendo essas verdades de forma tão tosca e por trabalhar na linguagem e nos ornamentos históricos, enfeite que torna a verdade mais bela e alça à certeza dos quilates, deram-na a quem já mencionei *a incumbência de poli-las, que lhe pareceu ser suficiente dividi-las em capítulos sem considerar as maiores falhas e sem fazer-lhes mais defesa*, e assim, no ano mil seiscentos e dezessete⁶, saíram à praça do mundo (...). (MALDONADO, 1620, f. 1v-2r; tradução e itálicos nossos).

Chega-se então a uma questão central para a presente discussão: *quais teriam sido as intervenções de Andrade na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto?*⁷

5 As formas *Andrade* e *Andrada* alternam segundo a fonte: como Maldonado usou *Andrada*, manteve-se essa variante nesta tradução.

6 A 1ª edição portuguesa é de 1614 (e não 1617).

7 A dificuldade que a questão coloca é, há muito, sabida, tal como se vê no comentário de Aníbal Pinto de Castro em sua introdução à edição da obra em questão de 1984: “Herrera Maldonado (...) lança deste modo graves suspeitas sobre o cronista-mor de D. João III, tornando-se hoje muito difícil, se não impossível, provar se houve ou não interferência da sua parte na fixação do texto que possuímos e, havendo-a, qual seu grau” (PINTO, 1984, p. XXXI).

Castilho (1865) parece ter sido o primeiro a se ocupar mais detidamente do tema. Tendo comparado o estilo do texto da *Peregrinação* com o de obras de Andrade (*Insituição d’el-Rei Nosso Senhor* [1565], *Cerco de Diu* [1589] e *Crônica de D. João III* [1613]) e das cartas de Fernão Mendes Pinto, emite o seguinte juízo:

como o leitor facilmente o avaliara por si, assaz fica ahi para se proclamar afouto que a penna das cartas (...) é a penna da *Peregrinação*, porque ha infinitamente mais paridade entre estas obras, que entre a *Peregrinação* e a *Chronica*; ficando somente a Francisco de Andrade a gloria de ter sabido, na intitulação dos capitulos, imitar o estylo de Pinto, de um modo summamente honroso. (CASTILHO, 1865, t. 2, p. 214)

Entretanto, levando em conta, em especial, a questão do histórico da relação de Pinto com a ordem jesuíta, Castilho (1865, t. 2, p. 275) afirma que “ha na *Peregrinação* capitulos inteiros, e talvez mui numerosos, que forão suprimidos, bem como outros alterados”, pois não considerou razoável que o autor se omitisse em falar de sua entrada para a Ordem Jesuíta.

Monteiro (1952, v. 1, p. 8) também toca no tema dos títulos, ao dizer que se tem “perguntado justificadamente se a divisão em capítulos existiria no seu manuscrito, pois é bem provável que a obra inteira fosse um infindável parágrafo”.

Segundo Schurhammer (1963, p. 56-60)⁸, há evidências de que Maldonado teve acesso ao manuscrito da *Peregrinação*, pois registra uma variante textual em relação ao texto impresso em sua apologia, na referência a uma passagem do cap. 54: “passò volando vn cueruo marino (ansi dize *en sus originales*) y no milano como *en los libros impresos*”⁹ (MALDONADO,

8 Os autores agradecem à Sra. Vanda Battio, da biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte, por possibilitar o acesso à obra de Schurhammer.

9 Cf. “*passou a caso voando por cima de nos hũ milhano que vinha de detras de hũ cabeço que a ilha fazia contra a parte do Sul*” (PINTO, 1614, f. 57vb19-22, *italicos nossos*) no texto português e “*passò a caso bolando por encima de nosotros vn cuerbo, que auia salido de la buelta de vn ribaço, que la misma isla a donde estauamos, no lejos de nosotros*”

1620, f. 6r, itálicos nossos). Em função da existência do registro dessa variante, Schurhammer (1963, p. 557-558) considerou que há indícios de que Andrade “alterou aqui e acolá o texto”, mas sua apreciação geral é a de que “abstraindo destas alterações, que dificilmente diremos muito profundas, é provável que tenhamos diante de nós o texto como Mendes Pinto no-lo deixou por sua morte”.

Faria (1992, p. 19), por sua vez, baseado na apologia de Maldonado, interpreta que “Francisco de Andrade teve o encargo de corrigir o manuscrito de Fernão Mendes Pinto, mas nisso pouco fez, pois limitou-se a dividir o texto da *Peregrinação* em capítulos, de que escreveu os enunciados, e a modificarlhe alguma palavra ou expressão”.

Garcia (1995, p. 11-13) é de opinião que “[e]mbora seja difícil avaliar qual possa ter sido a intervenção de Andrade no manuscrito, pode-se admitir que ela não foi importante” e que “[a]parentemente teria consistido na divisão da obra em capítulos e mesmo isso não é muito seguro”. Considera ainda que, quanto ao título da obra, bastante extenso na folha de rosto¹⁰, “admitimos

hazia, a la parte del Sur” (PINTO, 1620, p. 93, itálicos nossos) na tradução espanhola. Há duas ocorrências de *milhano* na obra *Cerco de Diu* de Andrade — “Porque muyto o *Milhano* s’afastára” e “Vio de si ao *Milhano*, porque fia” (ANDRADE, 1589, ff. 20vb e 21ra, itálicos nossos) — mas nenhuma de *corvo*. Se essa forma do texto impresso é devida, portanto, a Andrade, por que Maldonado não se refere a ela como constando do manuscrito na forma de uma intervenção? Parece, assim, que o manuscrito que Maldonado consultou ainda não teria as intervenções de Andrade, e que provavelmente foi um outro testemunho, já com as intervenções de Andrade, que foi encaminhado à casa impressora e, talvez, foi destruído após a publicação da obra.

10 “PEREGRINAÇAM | DE FERNAM MENDEZ | PINTO. | EM QVE DA CONTA DE MUYTAS E MUY-|to estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calami-|nhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos | & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas | do Occidente ha muyto pouca ou | nenhũa noticia. | E TAMBEM DA CONTA DE MUYTOS CASOS PARTI-|culares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim della trata bre-|uemente de algũas cousas, & da morte do santo Padre mestre Francisco Xauier, | vnica luz & resplandor daquelas partes do Oriente, & Reytor | nellas vniversal da Companhia de Iesus. | Escrita pelo mesmo Fernão

a possibilidade do autor poder ter deixado apenas registrado no manuscrito o título *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto”, tendo a parte restante sido acrescentada por “Francisco de Andrade ou por pessoa ligada à impressão”. Lembra ademais que, na *Licença* de 25/05/1603 (“Este liuro cujo titulo he peregrinação de Fernão Mendes Pinto”, f. i-v) e no *Privilégio* de 06/11/1613 (“o liuro da historia da peregrinação de Fernão Mendes Pinto”, f. i-v), ocorre título compatível com a forma breve.

Loureiro (2017, p. 292), levando em consideração que a tradução portuguesa da *Chronica do Valeroso Principe & Inuenciuel Capitão Iorge Castrioto* (1567), de Marin Barleti (ca. 1450-1460 – ca. 1512-1513), foi feita por Andrade, assinala que

existem numerosas semelhanças gráficas, estilísticas, e sobretudo a nível de conteúdo, entre a *Chronica do [...] Iorge Castrioto* e a *Peregrinação* de Mendes Pinto. A organização das matérias é parecida, com capítulos curtos e títulos análogos; o ritmo narrativo é semelhante, com uma sucessão imparável de episódios rocambolescos; as personagens repetem-se, desde a noiva em apuros, ao velho sábio, e ao menino que emite juízos morais; etc. E mais, a obra original de Marin Barleti não tinha qualquer divisão em capítulos¹¹, tendo os títulos dos capítulos sido inseridos por Francisco de Andrade, tal como alegadamente terá feito no manuscrito da *Peregrinação*, quando este passou pelas suas mãos, após a morte do autor. Poderemos estar perante meras

Mendez Pinto. | Dirigido à Catholica Real Magestade del Rey dom Felippe o III. | deste nome nosso Senhor.” (PINTO, 1614, folha de rosto)

- 11 No que se refere ao texto latino na edição publicada em Roma (BARLETI, [1508-1510]), há, na verdade, ementas semelhantes a títulos nas margens, embora, no interior do texto de cada livro, não haja efetivamente marca de limite de capítulos. A edição de 1537 segue o mesmo padrão (BARLETI, 1537). Como exemplo de correspondência entre as ementas em latim e os títulos em português, pode-se citar “Vaticinia siue prodigia de Scänderbegi natiuitate” (BARLETI, [1508-1510], f. 2v) em relação a “Da geração & nascimento do Castrioto” (BARLETI, 1567, f. 1ra). Não há, porém correspondência sistemática entre as ementas latinas e os títulos em português, sendo aquelas muito mais frequentes e extensas do que estes.

coincidências, claro, mas creio que valeria a pena aprofundar a comparação entre ambas as obras, como forma de melhor definir a intervenção de Francisco de Andrade no processo de composição da *Peregrinação*. Poderia dar-se o caso, claro, de Fernão Mendes Pinto ter lido a tradução dos feitos de Jorge Castrioto, que não poderia deixar de conhecer, e nela se ter inspirado para a redacção das suas próprias memórias.

Como se vê, tem sido frequentemente aceita a afirmação de Maldonado de que foi Andrade quem dividiu a *Peregrinação* em capítulos, bem como a inferência de que, como foi acrescentada divisão, então o texto dos capítulos também seria atribuível a Andrade. Embora Castilho (1865, t. 2, p. 196-211) tenha feito um longo comentário sobre o estilo de Pinto em sua edição, mostrando virtudes e vícios desse autor segundo sua avaliação, não apresentou concretamente quais foram os fatos linguísticos que evidenciam a “paridade” entre o estilo da *Peregrinação* e o das cartas de Pinto por oposição àqueles fatos que o levaram reiterar que Andrade foi o responsável pela “intitulação dos capítulos” da *Peregrinação*. Reconhece, porém, que há fatos na língua da *Peregrinação* que são plenamente compatíveis com fatos da *Crônica de D. João III* de Andrade: “encontramos n’ella todavia bastantes locuções, modos de dizer, e particularidades, tanto de bellezas como de defeitos, em que podia bem fundar-se a opinião de que da mesma penna houvesse sahido a *Chronica* e a *Peregrinação*” (CASTILHO, 1865, t. 2, p. 213-214).

Em síntese, embora haja grande aceitação da ideia de que Andrade escreveu os títulos da *Peregrinação*, fundada sobretudo na afirmação de Maldonado, não há, até o presente, comprovação com dados linguísticos de que isso ocorreu. Castilho (1865), apesar de ter feito comparação entre textos de Pinto e Andrade, não apresentou dados específicos. O presente estudo tem como objetivo discutir, com base em dados linguísticos, a questão da autoria dos títulos dos capítulos da *Peregrinação*.

2. Atribuição de autoria: conceitos fundamentais e abordagens

Modernamente, a questão da atribuição de autoria tem sido invocada sobretudo em casos de textos anônimos ou com pseudônimos, embora não sejam raras análises para confirmação de autoria mesmo para obra com nome do autor explicitamente expresso (p. ex., com sua indicação na folha de rosto do impresso).

A definição de autoria, segundo Love (2002, p. 33), exige um modelo que dê conta de “um repertório de práticas, técnicas e funções – formas de trabalho – cuja natureza variou consideravelmente ao longo dos séculos e que podem ter sido desempenhadas, em qualquer caso, por diferentes indivíduos”¹². Em função disso, Love (2002) assinala a necessidade de repensar o modelo do “autor solitário” e passar a considerar com especial atenção o modelo da autoria colaborativa, em que se reconhece a atuação de diferentes agentes no processo. Para Love (2002, p. 39), a noção de autoria deve ser definida “em relação a uma série funções desempenhadas durante a criação da obra, em vez de como uma atividade unitária e coerente”, razão pela qual trata o termo *autoria* não como denotador da “condição de ser aquele de que as obras se originam” mas sim de “um conjunto de atividades associadas (...) que por vezes são desempenhadas por uma única pessoa mas que frequentemente serão desempenhadas colaborativamente ou por diferentes pessoas sucessivamente”. Tendo em vista essas questões, Love (2002) discrimina quatro funções relacionadas à autoria:

- a) *precursora*: refere-se sobretudo aos casos de incorporação de uma contribuição significativa de uma obra anterior em uma nova obra (atuando como fonte ou influência) e de incorporação direta de extenso material de uma obra anterior em uma nova obra;
- b) *executiva*: diz respeito aos casos de compilação verbal da obra até o ponto de ser julgado adequado para publicação;

12 Todas as traduções das citações da obra de Love (2002) são de nossa autoria.

c) *declarativa*: refere-se aos casos de validação da obra, seja para conferir-lhe valor, seja para assumir as responsabilidades sobre ela e aceitar os benefícios decorrentes disso (mesmo que não o validador não tenha participado de nenhuma das duas funções anteriores);

d) *revisora*: diz respeito aos casos de revisão da obra.

Love (2002) assinala que cada uma dessas funções pode ser realizada por um indivíduo diferente ou de forma colaborativa (com mais de um indivíduo atuando), de maneira que nem sempre é fácil discernir o papel de cada agente nesse modelo: assim, p. ex., um alto grau de intervenção de um revisor pode até mesmo resultar em adentramento na função de autoria executiva. O estudioso também chama a atenção para o fato de que esse fatiamento da autoria em operações distintas não é aplicável para qualquer época, lugar, gênero textual ou autor.

A atribuição de autoria, como lembra Love (2002), é feita modernamente tendo em conta dois tipos de evidência: *interna* (baseada na própria obra) ou *externa* (baseada no contexto social). As *evidências internas* abarcam: o estilo; a autorreferência e a autoapresentação no interior da obra; e temas, ideias, crenças e concepções do gênero textual manifestos na obra. As *evidências externas* cobrem: atribuições contemporâneas (*incipits, explicits, títulos, etc.*); biografia; e histórico das atribuições precedentes e circunstâncias em que ocorreram.

O estudo do estilo (uma das evidências internas), tradicionalmente chamado de *estilística*, é definido por Love (2002, p. 99) como “o exame sistemático de traços físicos característicos de uma mensagem”. Dentre os aspectos estilísticos que podem ser utilizados para determinar autoria, o referido estudioso lista: sinônimos; palavras raras e pouco usuais; prosódia e métrica; sintaxe e gramática; grafia e contrações. Modernamente, uma nova abordagem do estudo do estilo se constituiu: trata-se de *estilometria*, que Love (2002, p. 132) define como “a medição quantitativa exata, a tabulação e interpretação de aspectos definidos do desempenho verbal”. A estilometria se caracteriza essencialmente por ser uma abordagem quantitativa, mas

frequentemente incorpora a aplicação de modelos estatísticos e é realizada com recursos computacionais.

Ao tratar das diferentes abordagens do estudo de estilo no campo de linguística forense, McMenamin (2002), retomando Johnstone (2000), assim as diferencia: enquanto o foco do estudo *qualitativo* está em *quais* formas são usadas por um autor e *como e por que* são usadas, já no estudo *quantitativo* o foco recai sobre *o quanto* e *com que frequência* são empregadas. Independentemente de se tratar de uma abordagem qualitativa ou quantitativa, um aspecto fundamental para a análise do estilo é determinar quais são os fatos linguísticos considerados. McMenamin (2002, p. 122) apresenta como marcadores de estilo: forma ou diagramação do próprio documento (margens, espaçamento, etc.); pontuação de todos os tipos; grafia (todos os tipos de variantes que seguem um padrão e de erros); formação de palavras (incluindo variação flexional); sintaxe (estrutura da frase, coordenação, subordinação e pontuação); variação lexical (escolhas de palavras e expressões); variação semântica (traços semânticos das palavras, das expressões e das frases); variação funcional do uso linguístico (correspondências entre estrutura e função); e traços de interferência de outras línguas na escrita.

A análise de marcadores de estilo realizada através do modelo estilométrico (quantitativo, portanto) exige, segundo Savoy (2020), que o estilo de um determinado autor seja representado por um valor numérico. A execução de uma análise de atribuição de autoria de acordo com esse modelo engloba os seguintes procedimentos: (a) extração do estilo do texto de autoria em discussão e dos textos de autoria conhecida; (b) escolha de uma medida para calcular a distância (ou similaridade) entre o texto de autoria em discussão e os textos de outros autores [= análise baseada em exemplar] ou ainda entre o texto de autoria em discussão e o conjunto de textos de um autor específico [= análise baseada em perfil]; (c) representação da distância (ou similaridade) com base em um valor numérico para cada caso; e (d) ranqueamento dos candidatos possíveis com base nos valores numéricos obtidos. Savoy (2020) salienta que a abordagem estilométrica é

fundamentalmente de base comparativa, ou seja, realiza-se a comparação entre o estilo do texto em discussão (representado por um valor numérico) e o estilo dos possíveis autores. As medidas realizadas segundo esse modelo se baseiam em propostas fundamentadas em diferentes aspectos: frequência de *tokens* (ocorrências de palavras), frequência de *types* (ocorrências de formas diferentes de palavras), frequência de *types* que ocorrem apenas uma vez (*hapax legomena*) ou duas vezes (*dis legomena*), diversidade ou riqueza lexical, densidade lexical, porcentagem de palavras longas (com seis ou mais letras), média da extensão da frase, proporção entre vogais e consoantes, etc. Diversas são as fórmulas para relacionar esses aspectos com o objetivo de gerar um valor que sirva de medida para a comparação entre os textos considerados.

Embora análises qualitativas e quantitativas possam ser interpretadas como complementares (quando a aplicação de ambas é possível), verifica-se que há pontos de discordância entre os estudiosos de cada perspectiva: assim, p. ex., Love (2002, p. 108) lista, dentre os aspectos passíveis de análise, “palavras raras e pouco usuais”, enquanto Savoy (2020, p. 41) afirma que, “na atribuição de autoria, termos raros não são normalmente de grande importância” (tradução nossa). É interessante salientar que o próprio Savoy (2020) apresenta diversas críticas aos diferentes modelos de cálculo de estilo, ilustrando como diferentes medidas apontam para diferentes interpretações em cada caso. A complexidade do estudo do estilo decorre, como se depreende de Savoy (2020), do fato de a diferença na produção linguística poder ser explicada com base em fatores distintos: gênero textual, autor, época, tipo de comunicação (falada × escrita), audiência e editor.

Tendo em vista os aspectos teórico-metodológicos relativos à atribuição de autoria sintetizados aqui e o caso em análise, a questão central é: *qual é a abordagem adequada para a análise de autoria dos títulos dos capítulos da Peregrinação?*

De pronto, parece evidente que a abordagem quantitativa não é recomendável neste caso, uma vez que existe *grande discrepância* entre a

extensão do conjunto dos títulos dos capítulos (4.768 *tokens*) e a do conjunto dos textos dos capítulos (292.260 *tokens*).

3. Hipótese de trabalho

Considerando que Francisco Herrera de Maldonado¹³, autor da apologia em que fala da intervenção de Francisco de Andrade no texto da *Peregrinação*, foi também o tradutor para o espanhol da obra de Fernão Mendes Pinto, deve-se admitir que deveria ter um conhecimento ímpar do estilo deste último. Embora não tenha conhecido Pinto (o nascimento de Maldonado, em 1584, é posterior à morte deste, em 1583) e não informe ter tido tipo de contato direto com Francisco de Andrade, a sua interpretação de que este teria feito intervenções no texto de Pinto merece crédito, uma vez que ela provavelmente se baseou na constatação de diferenças entre o manuscrito que consultou (a que chamou de *originais*) e a edição impressa, como já mencionado, mas também possivelmente em um estranhamento ocorrido ao longo do contato contínuo com o texto da *Peregrinação* durante o processo tradutório. Sendo assim, toma-se aqui como hipótese de trabalho a ser testada que *Francisco de Andrade foi o autor dos títulos dos capítulos da Peregrinação*.

13 Francisco Herrera de Maldonado nasceu na cidade de Oropesa em 1584 (GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ; MORENO TEJERO; HERNÁNDEZ PIÑA, 1985, p. 61). Licenciou-se em Teologia e tornou-se cônego da Igreja Real de Arbas de Leão. Foi amigo de Lope de Vega (1562-1635), que lhe homenageou com referência em sua obra *Laurel de Apolo* (MENÉNDEZ PELAYO, 1952, v. II, 218-222). Publicou traduções (como a tradução espanhola da *Peregrinação*) e também obras originais. A apologia a Fernão Mendes Pinto presente em sua tradução da obra apresenta como sua localização geográfica e temporal “Evora y Mayo 30. de 1618” (MALDONADO, 1620, f. 8v), evidenciando, assim, que esteve em Portugal na referida época.

4. Metodologia

Como já esclarecido, em função da discrepância entre a extensão do conjunto dos títulos dos capítulos e a do conjunto dos textos dos capítulos, considerou-se recomendável avaliar a questão da autoria em discussão segundo uma abordagem qualitativa, e não quantitativa.

A discussão sobre atribuição de autoria com base no estilo, segundo já assinalado, é de base comparativa. Sendo assim, foram selecionados quatro *corpora* para a comparação:

- (a) o conjunto dos títulos dos capítulos da *Peregrinação* [= PER₁];
- (b) o conjunto dos textos dos capítulos da *Peregrinação* [= PER₂];
- (c) o conjunto de duas cartas e da informação em língua portuguesa de Fernão Mendes Pinto [= CAR];
- (d) o texto completo das obras *O Primeiro Cerco que os Turcos Puserão há Fortaleza de Diu nas Partes da India Defendida pollos Portugueses* [= CER], de 1589, e da *Cronica do muyto Alto e muyto Poderoso Rey destes Reynos de Portugal Dom João o III deste Nome* [= CRO], de 1613, ambas de Francisco de Andrade.

PER₁ consiste no *corpus* cuja autoria está sendo analisada, a fim de identificar se pode ser atribuída a Francisco de Andrade. PER₂ é o primeiro dos *corpora* que se tomam como referência para representar o estilo de Fernão Mendes Pinto: trata-se obviamente de um *corpus* não ideal, já que Francisco de Andrade também teria feito intervenções no interior do texto dos capítulos, e não apenas hipoteticamente redigido seus títulos. CAR é o segundo dos *corpora* que se tomam como referência para representar o estilo de Fernão Mendes Pinto: embora seja um *corpus* para o qual não há relato de intervenção feita por Francisco de Andrade, as cartas e a informação são registros manuscritos apógrafos que apresentam certas particularidades gráficas, fônicas e morfosintáticas (em contraste com PER₂) que provavelmente devem ser fruto da projeção de hábitos linguísticos do(s) amanuense(s). Sendo assim, deve-se admitir que ambos os *corpora* para representar o estilo de

Fernão Mendes Pinto (PER₂ e CAR) são bastante *limitados*, mas não há outro material disponível: trabalhar com análise linguística de registros históricos é “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”... CER e CRO consistem nos *corpora* que se tomam como referência para representar o estilo de Francisco de Andrade.

Os procedimentos básicos que serão realizados para se testar a hipótese em análise são:

- (a) identificar fatos linguísticos que estejam em PER₁ (títulos dos capítulos) mas não no PER₂ (textos dos capítulos), a que se pode chamar aqui de *fatos privativos dos títulos*;
- (b) realizar uma busca em CAR para se identificar a presença de cada um dos referidos fatos privativos dos títulos (caso algum(ns) desses fatos esteja(m) presente(s) em CAR, então esse(s) fato(s) pode(m) ser atribuído(s) a Fernão Mendes Pinto); e
- (c) realizar uma busca em CER e CRO para se identificar a presença dos referidos fatos privativos dos títulos que não estejam em CAR (caso algum(ns) desses fatos presentes em PER₂ e ausentes em CAR esteja(m) presente(s) em CER e/ou CRO, então esse(s) fato(s) pode(m) ser atribuído(s) a Francisco de Andrade).

Convém salientar que o desenho dessa proposta não é propriamente novo, pois se tomou como referência o raciocínio que Castilho (1865) desenvolveu em sua análise. A principal diferença está no fato de Castilho ter considerado o texto da *Peregrinação* como um todo (sem separar títulos e texto interior). Ademais, Castilho não apresentou explicitamente os fatos em que se baseou sua análise, tendo mencionado apenas genericamente “locuções, modos de dizer, e particularidades”.

Para PER₁/PER₂, adotou-se a edição digital da *Biblioteca Virtual dos Autores Portugueses* de 1998, cujo modelo foi a de 1984 (CORREIA, 1999, p. 185), esta última baseada por sua vez, na *princeps* de 1614, a qual também foi consultada neste estudo, para dirimir dúvidas. A edição digital de 1998 segue normas conservadoras de transcrição (CAMBRAIA, 2005) e

apresenta erros graves que foram corrigidos¹⁴. Para CAR, adotou-se a edição de Ayres (1905, p. 59-66, 76-82 e 113-121)¹⁵. Para CER, adotou-se a edição de 1852, que atualmente existe em versão digitalizada, sendo usada também para dirimir dúvidas a edição *princeps* de 1589 sempre que necessário. Para CRO, adotou-se a edição de 1976, sendo usada também para dirimir dúvidas a edição *princeps* de 1613 sempre que necessário. Todas as transcrições neste trabalho seguem a forma presente nas edições *princeps* e no manuscrito da ACL (no caso de CAR).

Os fatos linguísticos considerados na busca foram obtidos primeiramente através de recurso computacional e se basearam no sistema de *n-grams*: foram considerados elementos *unitários*, ou seja, unigramas ou *1-grams* (um *type*), e *combinados*, como bigramas ou *2-grams* (sequência de dois *types*). Em segundo lugar, buscou-se obter mais informações através de leitura crítica dos títulos dos capítulos em contraste com o texto dos capítulos.

14 Como erros graves, constam cinco repetições no lugar do texto correto: f. 51v (cap. 48) repetido no lugar do f. 59v (cap. 55); f. 72r (cap. 65) no lugar do f. 75v (cap. 68); f. 111r (cap. 97) no lugar do f. 112v (cap. 98), f. 126v (cap. 107) no lugar do f. 127v (cap. 108) e f. 163v (cap. 136) no lugar do f. 165r (cap. 137). Tais erros ocorrem apenas na edição de 1998.

15 *Carta dũ Irmão da Companhia de Jesus de Malaca pera os padres e irmãos da Companhia em portugal de 1554; Cópia de hũa carta (de hũ Irmão da Comp.ª) que escreveo Malaqua (aliás Macau) ao Reitor do Collegio de Guoa de 1555 annos. 20 de Nouembro; e Enformação de alguas cousas acerca dos custumes e leys do Reino da China, que hum homem honrrado, que la esteue catiuo seis annos contou no Collegio de Malaca ao P. Mestre Belchior*. Os três documentos foram transcritos por Ayres do códice da Academia de Ciências de Lisboa, atualmente com a cota *Azul II* (Vol. 1: 1544-1556), cuja data de cópia se atribui a sécs. XVI-XVII. A edição de Ayres foi comparada integralmente com o texto das cartas nesse manuscrito, para dirimir dúvidas. Os autores deixam aqui seu agradecimento à Sra. Ana Cunha, da ACL, pelo acesso ao fac-símile digital desse manuscrito.

5. Descrição e discussão dos dados

5.1 *N-grams*

Aplicando-se o método descrito, obtiveram-se 48 unigramas (*1-grams*) e 774 bigramas (*2-grams*) privativos dos títulos para análise¹⁶.

Dos 48 unigramas, 11 itens constituem erros de transcrição da edição de 1998 (certamente gerados no processo de aplicação de OCR [reconhecimento óptico de caracteres] à edição de 1984) — *aarql* > *Aarû* (f. 21ra18), *aeem* > *Acem* (f. 39vb22), *aehey* > *achey* (f. 136vb31), *atem* > *Acem* (f. 40va5), *aula* > *auia* (f. 40va3), *chita* > *Chim* (f. 60va4), *dalgaũas* > *Dalgũas* (f. 179va29), *estulta* > *estaua* (f. 40va4), *nautarei* > *Nautarel* (f. 52ra28), *soecedeo* > *soccedeo* (f. 168ra4) e *succedeo* > *successo* (f. 227va36) — e um item constitui erro da edição de 1984 transmitido à de 1998 — *teve* > *teue* (f. 104vb9). Considerando a forma corretamente transcrita desses itens (segundo a edição *princeps*), todos eles aparecem também no texto dos capítulos e deixam, portanto, de serem fatos privativos dos títulos dos capítulos.

Dos 36 restantes, 13 itens (*acontecerão*, *champeyloo*, *japaõ*, *japão*, *jorge*, *patebenão*, *pegú*, *pèguu*, *procederão*, *quedã*, *recebimêto*, *soccederão* e *tanixumã*) foram selecionados em função de uma ou mais de uma particularidade gráfica: assim, p. ex., a forma *acontecerão* (ff. 286ra e 294rb) ocorre apenas no título, mas, no texto do capítulo, se encontra *acontecerãõ* (f. 113vb), sendo a única diferença a forma de marcar o ditongo nasal final. Não se considera aqui que diferenças dessa ordem sejam significativas para a presente discussão, já que variações dessa natureza são abundantes por todo o texto. Ademais, não parece razoável fundamentar a atribuição de autoria em

16 No processamento dos dados, todas as letras foram convertidas em minúsculas, uma vez que não se considerou pertinente que a oposição entre maiúscula e minúscula fosse adotada como critério de análise, pois se trata de questão muito dependente das normas gráficas que cada casa impressora seguia no séc. XVII.

aspectos estritamente gráficos de documento que não é autógrafo, é póstumo e dista mais de 30 anos da data de morte do autor.

Dos 23 restantes, 16 itens (*apercebeo, apresentados, castigos, comprimos, desestrados, empredeo, encontrou, executou, fallassem, gêtio, guardão, pouoarão, quintam, situado, topamos e vello*¹⁷) foram selecionados por serem formas flexionadas privativas dos títulos, mas podem ser associadas a formas correlatas em outra flexão no texto dos capítulos: assim, p. ex., as formas *castigos* (f. 191ra26) e *fallassem* (f. 117va10) ocorrem apenas no título, mas, no texto dos capítulos, se encontra *castigo* (f. 23rb9) e *fallasse* (f. 6vb10), sendo a diferença entre esses casos a flexão de número no primeiro caso e de número e pessoa no segundo. Eventualmente, há acúmulo de questão gráfica e flexional: *gêtio* (f. 225va9) ocorre apenas no título, mas no texto dos capítulos se encontram *Gentio* (f. 12vb24) e *Gêtios* (f. 188rb18). A questão flexional tampouco parece ser significativa para a presente discussão, já que, na maioria dos casos (como nos verbos e nos adjetivos), é exigida sintaticamente em função de relação de concordância e não representa livre escolha do autor do texto.

Restaram, portanto, apenas 7 itens que merecem especial atenção: *dase, dassé, notificação, aneixa, mouediças, xingrau e camoy*.

Os dois primeiros itens constituem, na verdade, combinações entre o presente do verbo *dar* e o pronome *se*, com uso de letra geminada no segundo caso para se evidenciar o valor de não vozeado do segmento inicial do pronome. Como se trabalhou na análise com o critério gráfico de palavra, formas unidas graficamente foram tratadas como um *type*. Em ambos os casos, a unidade gráfica em questão se faz parte da locução verbal *dar-se conta*: “Quais forão os fundadores das primeyras quatro cidades da China, & *dase conta* de algũas grandezas da cidade do Pequim” (PER₁, cap. 94, f. 105va7-10) e “Como desta ilha de Champeiloo fomos ter â de Sanchaõ, &

17 Embora *vello* seja uma palavra gráfica, compõe-se do verbo *ver* no infinitivo + alomorfe do pronome pessoal oblíquo.

dahy a Lampacau, & *dasse conta* de dous¹⁸ casos desestrados que acontecerão na China a duas pouoações de Portugueses” (PER₁, cap. 221, f. 294rb3-10). Embora, no texto dos capítulos, apareçam 24 outras ocorrências da locução *dar-se conta* em diferentes formas de flexão, apenas uma foi também com o pronome *se*, mas com verbo no infinitivo: “sem se dar primeyro conta a el Rey da que passaua” (PER₂, cap. 200, f. 260ra6-7). Por outro lado, considerando CRO, constata-se abundante ocorrência da expressão *dá-se conta* (com suas variantes gráficas) exatamente nos títulos — cf., p. ex., “*Dasse conta da cantidade & calidade de nauios que o governador ajunta para esta jornada de Dio, dos capitaês delles, da copia da gente que vai na armada, dos fidalgos que o gouernador escolhe para se aconselhar com elle, (...)*” (CRO, f. 92vb10-17) — mas não em CER. É possível, no entanto, que, neste caso, o fator explicativo para essa semelhança seja o gênero textual, já que se trata de estrutura fortemente ligada à apresentação de tema própria de títulos.

A forma *notificação* — cf. “Da *notificação* que el Rey do Iantana mandou fazer ao Rey do Achem sobre o reyno de Aarû, & do que lhe elle respondeo” (PER₁, cap. 31, f. 31ra6-10) é um caso especial, porque se constata forma semelhante em CRO — cf. “& desnaturto todos meus suditos uassallos & naturais, que cõ elle estiuerẽ, ou para elle se forẽ, da *notificação* desta em diante” (CRO, f. 109vb20-23) — mas o trecho em que ocorre faz parte do texto de uma carta que D. João teria mandado a D. Miguel da Silva, a qual o autor da crônica diz ter transcrito de forma fiel: “hũa carta que trelladada de verbo ad verbum dizia desta maneyra” (CRO, f. 109va15-16). Portanto, não se pode associá-la claramente a Andrade.

Já a forma *aneixa* — cf. “Qual foy o Rey da China que fez o muro que diuide os dous imperios da China & da Tartaria, & da prisaõ *aneixa* a elles” (PER₁, cap. 95, f. 106vb5-8) — é mais interessante, uma vez que não se constata no texto dos capítulos nem mesmo forma cognata¹⁹, mas, por outro lado, se

18 No impresso de 1614: “d edous” em vez de “de dous”.

19 Na edição de 1998, há o erro de transcrição *anexação* no lugar de *auexação* (f. 289rb36).

constata exatamente a mesma forma em CRO, apesar de ser ocorrência única — cf. “a obrigação de gastar nas cousas que parecião necessarias andaua *aneixa* ha dignidade real” (CRO, f. 59rb41-43) — mas não em CER. Sendo assim, essa forma pode ser associada a Andrade.

A forma *mouediças* — cf. “De outras muytas diuersidades de cousas que vimos, & da ordem que se tem nas cidades *mouediças* que se fazem nos rios em embarcações” (PER₁, cap. 98, f. 111vb13-17) — é também interessante, já que, embora não ocorra em CRO, está presente em CER, mas no gênero masculino e em ocorrência única: cf. “Do canhão furioso Mauritano, / Que de fixo lugar faz seu seruiço, / E o Portugues o faz de *mouediço*.” (CER, f. 7vb6-8). Logo, também neste caso, a forma pode ser associada a Andrade. A referência a cidades *mouediças* aparece na *História da Vida do Padre Francisco Xavier*, de João de Lucena, que teve acesso ao manuscrito da *Peregrinação* e lhe faz menção de forma anonimizada:

E d’aqui se entende aquelle enima d’*hun*²⁰ *nosso Portugues*, que entre outras cousas marauilhosas da China, affirmaua víra nella cidades situadas sobre agoa, ã se abalauam, & mouiam todas as Lûas. (...) E porque estas feiras nam duram ordinariamête numa parte mais de quinze dias, & no cabo delles se vam fazer a outras, por isso as chamaua bem o autor do enima *ciudades* sobre água e *mouediças*. (LUCENA, 1600, p. 864, itálicos nossos).

Isso significa que, se foi Andrade quem inseriu o título com a forma *mouediças* (ou apenas essa forma), teria de tê-lo feito antes de Lucena ter tido acesso ao manuscrito: como a obra de Lucena foi publicada em 1600, Andrade teria de ter feito sua intervenção antes dessa data²¹.

20 Na edição de 1600, “hu n”.

21 Há, portanto, uma questão difícil: os “originais” a que Maldonado se refere em 1618 provavelmente não teriam as intervenções de Andrade (por isso notou uma variante em relação ao impresso de 1614), mas a versão que Lucena terá consultado antes de 1600 já as teria (por isso continha a forma *mouediças*, atribuível a Andrade). Seriam, então, testemunhos manuscritos diferentes? Teria essa obra uma tradição manuscrita numerosa, com diferentes ramos (um sem intervenções de Andrade e outro com essas intervenções)?

A forma *Xingrau* — cf. “Como nos partimos desta ilha dos ladroões para o porto de Liampoo, & do que passamos até chegarmos a hum rio que se dizia *Xingrau*” (PER₁, cap. 55, f. 58vb17-21) — designa um rio. Apesar de essa forma ocorrer apenas no título do capítulo, verifica-se, no texto do capítulo respectivo, uma variante fônica: “nos disseraõ que daly a dezoito legoas estaua hum rio muyto bom, & de bom surgidouro, ã se dezia *Xinguau*” (PER₂, cap. 55, f. 59vb9-12). Como a forma *Xingrau* não ocorre em CRO nem em CER, não se pode associá-la a Andrade. É bem possível que a forma *Xingrau* seja, na verdade, um erro de composição tipográfica, já que não é comum variação entre /r/ em grupo consonantal e /u/ no português.

Por fim, há a forma *Camoy* — cf. “Como Antonio de Faria chegou à bahia de *Camoy*, onde se faz a pescaria das perolas del Rey da China” (PER₁, cap. 44, f. 45rb11-14) — é usada designando uma baía²², que, no texto do capítulo respectivo, não aparece com nome próprio: cf. “foy amanhecer no meyo de *hũa grande bahia onde andauão algũas barcaças pescando aljofre*” (PER₂, cap. 44, f. 45rb23-25). Como não ocorre em CRO nem em CER, não se pode associá-la a Andrade²³.

Em síntese, no que se refere à análise de unigramas, só dois itens parecem apontar mais claramente para a “presença” de Francisco de Andrade nos títulos dos capítulos: os adjetivos *aneixa* e *mouediças*. Já a forma *Camoy*

22 Como, para *Xingrau/Xinguau*, se tem um possível caso de variação fônica ou, mais provavelmente, de erro tipográfico, poder-se-ia imaginar que *Camoy* também seria um desses casos, mas, no interior do capítulo em cujo título *Camoy* ocorre, não se constata forma semelhante com mesma referência: há a menção apenas à cidade de *Comhay* (mas *Camoy* é nome de baía) e ao porto de *Guamboy* (mas no texto se informa ser lugar mais adiante em relação àquele onde Antonio de Faria estava, o qual é referido no título como *Camoy*). Há, nos textos dos capítulos, duas outras formas semelhantes, mas em capítulos diferentes: *Xamoy*, como nome de povoação (cap. 55, ff. 60ra4 e 60rb20); e *Angicamoy*, como nome de templo (cap. 122, ff. 145va7 e 145vb5) — nenhum deles como nome de baía.

23 Interpretação contrária para o fato foi apresentada por Trías Folch (1999, p. 46): “Certos detalhes, como o nome da baía de *Camoy*, só aparecem nos títulos que encabeçam os respectivos capítulos em que está dividida a obra e que, ao que parece, são de responsabilidade de Andrade” (tradução nossa).

parece bastante problemática, pois, se foi Andrade quem redigiu os títulos, como poderia saber o nome desse lugar em que apenas Pinto teria estado, e não Andrade? Não se trata apenas de *conhecer o topônimo em si*, mas também de saber *a que entidade geográfica* citada por Pinto se refere. O fato de tanto CRO quanto CER incluírem referências ao Oriente sugere que Andrade tivesse conhecimento da geografia da região, mas saber exatamente a qual entidade geográfica Pinto estaria se referindo na passagem em questão, permitindo assim saber qual era o topônimo que deveria ser informado no título, parece improvável.

Os bigramas (774 itens) são bem mais numerosos do que os unigramas (48 itens) e, por isso, não poderão ser objeto de comentário detalhado caso a caso. Um exame atento desses bigramas privativos dos títulos demonstrou que havia uma grande quantidade de dados de pouca relevância para a discussão sobre estilo. Boa parte desses dados pouco significativos era constituída de combinações que não correspondem a constituintes frasais, como sequências de substantivo + substantivo (p. ex., *maneyra antonio*), substantivo + pronome (p. ex., *fortaleza me*), verbo + artigo (p. ex., *diuide os*), dentre outros. Além disso, havia também casos de bigramas privativos em função de questões gráficas (p. ex., *á igreja* em título, mas *â igreja* no texto do capítulo) e flexionais (p. ex., *portugueses fizerão*, em que o verbo no plural é determinado pelo substantivo precedente, e não por livre escolha do autor). Igualmente não significativos eram os bigramas que, por conterem um unigrama privativo em seu interior (analisados aqui mais acima), também se tornaram redundantemente²⁴ privativos (p. ex., *que topamos*), e os que continham nome próprio (p. ex., *para liãpoo*), tornando o bigrama fortemente vinculado às especificidades da narrativa da *Peregrinação*. Em função de todas essas questões, impôs-se fazer uma seleção muito criteriosa de bigramas a serem confrontados nos demais *corpora* e optou-se por se restringir às seguintes categorias²⁵:

24 Diz-se *redundantemente* porque já foram comentados na seção sobre unigramas.

25 Embora todas essas combinações possam atuar como constituintes frasais, no *corpus*

a) substantivo + adjetivo (8): *caso abominauel, christãos perdidos, cossayro renegado, cousas illustres, estalagês notaueis, gente deseparada, homens principais e mercador mouro;*

b) adjetivo + substantivo (7): *cruel batalha, grande exercito, grosso motim, larga informação, principaes seitas, supremo pontificado e triste morte;*

c) adjetivo + adjetivo (1): *particulares notaueis.*

Todos esses dados são interessantes, porque não apenas refletem, em grande parte, uma escolha autoral em termos sintáticos (a ordem dos constituintes), mas também em termos de ideias, já que expressam formas específicas de caracterização de um substantivo.

Cada um desses 16 bigramas foi buscado primeiramente em CAR (para se verificar se estavam presentes em outros textos de Pinto, sendo, portanto, atribuíveis a ele). Dois deles foram encontrados nesse *corpus* (curiosamente, ambos na *Enformação*), logo podem ser atribuídos a Pinto, mesmo constando em obra de Andrade:

a) *homês principais*:

- PER₁: “E de hũa grande discordia que em Demaa ouue entre dous *homês principais* da cidade, & do desauenturado successo que teue.” (cap. 178, f. 227va32-36).

- CAR: “A cousa, ã geralmente todos os fidalgos e *homês principaês* tem por mais nobreza he fazerem hũus edeficios diante de suas portas amaneyra de arco (...)” (Enformação, Ms. Azul 11, f. 249r27-249v1).

- CRO: “(...) & dos mouros ficarão aly mortos & feridos mais de mil, em que foy o subrinho do Soleimaga, & o capitão do rio de Cintacora, & outros tres *homês principaes*.” (part. 3, f. 26vb2-6).

eventualmente aparecem acompanhadas mais algum outro elemento, que não foi selecionado no processo por se trabalhar com busca de bigramas apenas.

b) *grande exercito*:

- PER₁: “(...) & como o Chaumigrẽ colaço do Rey do Bramaa veyo sobre elle com hũ *grande exercito*, & do successo que teue.” (cap. 194, f. 250vb9-13).

- CAR: “E enquãto elRey fez prestes *grandes exercitos* de gente (...)” (Enformação, Ms. Azul 11, f. 252r27)²⁶.

- CER: “Antre o seu *grande exercito* deixárão²⁷” (cant. 8, estr. 53, f. 36vb14).

Os 14 restantes foram buscados em CER e em CRO (para se verificar se estavam presentes em textos de Andrade, sendo, portanto, atribuíveis a ele)²⁸. Desses 14, apenas 4 foram localizados em textos de Andrade:

a) *mercador mouro*:

- PER₁: “Do que mais me socedeo com este *mercador Mouro*.” (cap. 25, f. 26ra8-9).

- CRO: “(...) & pouco depois chegou aly hum *mercador mouro* que passara por Baçorà, (...)” (part. 4, f. 100ra1-3).

b) *cruel batalha*:

- PER₁: “Da *cruel batalha* que os nossos tiueraõ cos Achês no rio de Parlês, & do successo della. ” (cap. 206, f. 268vb22-24).

- CER: “Hũa *cruel batalha* em odio acesa” (cant. 10, estr. 16, f. 46ra26).

26 Neste caso, a forma que ocorre em CAR é no plural. Em PER₂, não ocorre essa combinação seja no singular seja no plural, por isso continua podendo ser interpretada como privativa de PER₁.

27 A edição de 1852 retificou para *deixára*, o que se justifica para rimar com *guiára* que em verso precedente.

28 Considerando que tanto CAR quanto CER e CRO apresentam padrões gráficos próprios, fez-se a busca levando em conta formas alternativas de representação gráfica (p. ex., *abominavel* para *abominauel*, etc.).

c) *larga informação*:

- PER₁: “Em que se dà *larga informação* deste imperio do Calaminhan, & algũa do reyno de Peguu, & dos Bramaas.” (cap. 165, f. 208vb13-16).

- CRO: “ (...) & porque o padre penteado, que da India não viera a outra cousa, lhe tinha dado *larga informação* do que nisso pasaua, (...)” (part. 1, f. 51ra29-32); “(...) & deu ao governador acarta, & *larga informação* de tudo o que era passado (...)” (part. 1, f. 97va5-7); “E partido com *larga informação* do que auia de tratar no reyno (...)” (part. 2, f. 69va46-69vb1); e “(...) & lhe deu hũa crta de crêça, & outra de pouca leitura, & *larga informação* por escrito do que auia de fazer (...)” (part. 3, f. 57rb43-46).

d) *triste morte*:

- PER₁: Da *triste morte* deste Rey de Sião, & de algũas cousas illustres que elle fez em sua vida.” (cap. 183, f. 234va2-4).

- CER: “Senão para lhe dar mais *triste morte*” (cant. 8, estr. 15, f. 34vb28); e “Bebem a voltas d’agoa a *triste morte*” (cant. 13, estr. 58, f. 66rb8).

Novamente são poucos os dados que apontam para a “presença” de Francisco de Andrade nos títulos dos capítulos: consistem em apenas 4 dos 14 bigramas selecionados para análise. Deve-se salientar, a propósito, que nenhum desses 4 bigramas pode ser considerado privativo do estilo de Andrade (apesar de constarem em alguma de suas obras), já que todos eles estão presentes em textos de outros autores dos sécs. XVI e XVII²⁹.

Entretanto, deve-se levar em conta que, mesmo aparecendo em textos de outros autores da mesma época, *não* ocorrem nos textos dos capítulos da *Peregrinação* (apenas nos títulos), fato que chama a atenção.

29 Isso se constata através de consulta à base do *Corpus do Português*, da Brigham Young University. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>.

5.2 Relação entre os títulos e o texto dos capítulos

Na seção anterior, discutiram-se dados mais pontuais, compreendendo unigramas e bigramas. Mas é necessário contemplar também uma análise mais global da relação entre os títulos e o texto dos capítulos.

Um primeiro aspecto interessante é a relação entre os elementos de que se compõem os títulos e os elementos presentes no texto dos capítulos ou, dito de outra forma, a *ancoragem* dos títulos no texto dos capítulos.

Essa ancoragem apresenta um padrão gradiente, distribuindo-se em casos de alta ancoragem a baixa ancoragem, sem que seja possível estabelecer com clareza cada grau da escala.

Um exemplo de alta ancoragem encontra-se no título do cap. 1: “Do que passey em minha mocidade neste Reyno ate que me embarquey para a India” (PER₁, f. 1ra5-6). Os elementos de que se compõe são quase todos localizáveis no interior do próprio capítulo, seja de forma literal, seja de forma adaptada: cf. “E tomãdo por principio desta minha peregrinação *o que passey neste Reyno*” (PER₂, f. 1rb8-9); “vejo que não contente de me por na minha patria logo no começo da *minha mocidade*” (PER₂, f. 1ra22-24) e “determiney *embarcarme para a India*” (PER₂, f. 2rb10-11).

Já como exemplo de baixa ancoragem, pode-se citar o título do cap. 93: “Do que mais passou neste negocio despois de o jejum ser acabado, & do successo que teue” (PER₁, f. 104vb7-9). Nele, apenas o item *successo* é claramente localizável no texto do capítulo: cf. “diz a historia que logo naquelle instante o menino cahio morto em terra, do qual *successo* (se assi foy) a Nancaa com todos os seus ficarão assaz espantados” (PER₂, f. 105ra27-31).

De forma geral, prevalece um alto grau de ancoragem entre título e texto dos capítulos na *Peregrinação*. A ausência de ancoragem se dá com frequência por emprego de elementos equivalentes no título: p. ex., “o jejum” do já mencionado título do cap. 93 retoma os conteúdos “nenhũa pessoa comesse em todos aquelles tres dias mais que só hũa vez” (PER₂, f. 104vb1-3) e “abstinencia da carne” (PER₂, f. 104vb1-3) no final do capítulo precedente.

Mas um dos fatos que mais abaixam o grau de ancoragem é o emprego, sobretudo no final dos títulos, de *expressões genéricas resumidoras*, seja com verbos como *passar* (“& do que lá passou”, PER₁, cap. 208, f. 270vb19-20), *acontecer* (“& do que lhe aconteceu nelle”, PER₁, cap. 42, f. 43rb6-7) e *suceder* (“& do que nella me socedeo”, PER₁, cap. 24, f. 24vb24-25), seja com substantivos como *sucesso* (“& do successo della”, PER₁, cap. 175, f. 224va14-15). Tais expressões também são comuns nos títulos da *Crônica* de Andrade: cf., p. ex., “e do que lá passou” (CRO, part. 4, cap. 88) e “e o successo della” (CRO, part. 1, cap. 43). Essas expressões não podem ser consideradas como fatos privativos do estilo de Andrade, pois pertencem certamente a uma tradição do gênero textual de títulos: cf., p. ex., “& do que lhe aconteceu na jornada ate a ilha de Saragaõ” na *Década Quinta da Ásia* de Diogo do Couto (COUTO, 1612, f. 177va8-10).

Um segundo aspecto interessante em relação aos títulos da *Peregrinação* diz respeito à *marca de pessoa do discurso*, alternando geralmente entre presença de marca de 1ª pessoa (do singular e/ou do plural) — cf. “Como deste reyno *me party* para a India, & do successo que teue a armada em que *fuy*” (PER₁, cap. 2, f. 2rb16-18) e “Como *nos partimos* do porto de Arquico, & do que *nos* socedeo cõ tres vellas de Turcos que *topamos*” (PER₁, cap. 5, f. 5ra7-10) — ou ausência dela³⁰ — cf. “Do que Gonçallo Vaz Coutinho passou com a Raynha de Onor” (PER₁, cap. 9, f. 9ra20-22), como se vê sintetizado no quadro a seguir:

30 Consideraram-se como marcadores de 1ª pessoa os respectivos pronomes pessoais (caso reto ou oblíquo) e as respectivas desinências verbais. Títulos compostos de mais de uma frase em que houvesse parte com marca de 1ª pessoa e parte sem essa marca foram classificados simplesmente como +1ª. Não foram considerados como marcadores os pronomes demonstrativos nem os possessivos (os possessivos de plural sem outra marca de 1ª pessoa aparecem no título dos caps. 41, 101, 134, 146, 204, 206-207 e 209).

Quadro 1 – Marca de pessoa do discurso nos títulos dos capítulos

Pessoa		Total	Capítulos
+1 ^a	sg.	26	1-3, 6-7, 14-15, 18-20, 23-25, 33-34, 135-137, 144, 147, 153, 172, 181, 200 e 225.
	sg. e pl.	4	8, 35, 116 e 226.
	pl.	71	4-5, 36-38, 40, 47, 53-57, 62, 74-75, 78-91, 96-100, 102-104, 109-110, 115, 121-122, 126-129, 132-133, 138-141, 143, 145, 155, 158, 161-162, 166-167, 170-171, 176, 179-180, 202, 214, 220-221, e 223
-1 ^a		125	9-13, 16-17, 21, 26-32, 39, 41-46, 48-52, 58-61, 63-73, 76-77, 92-95, 101, 105-108, 111-114, 117-120, 123-124, 130-131, 134, 142, 146, 148-152, 154, 156-157, 159-160, 163-165, 168-169, 173-175, 177-178, 182-199, 201, 203-213, 215-219, 222 e 224.

Embora haja uma proporção quase equilibrada entre +1^a (45%) e -1^a (55%), as formas comentadas na seção de *n-grams* que foram encontradas nas obras de Andrade, curiosamente, prevalecem na categoria -1^a: *dase* (cap. 94), *notificação* (cap. 31), *aneixa* (cap. 95), *cruel batalha* (cap. 206), *larga informação* (cap. 165) e *triste morte* (cap. 183). Para +1^a, tem-se *dasse* (cap. 221), *mouediças* (cap. 98) e *mercador mouro* (cap. 25), sendo que os dois primeiros itens ocorrem como uma segunda oração coordenada (sindética) sem marca de 1^a pessoa no final do título (cf. a transcrição deles na parte sobre unigramas acima). Desses dois padrões, o que se constata em CER (nas “ementas” que precedem cada canto) e em CRO (nos títulos de cada capítulo) é naturalmente -1^a, pois as duas obras são narrativas (em verso e em prosa, respectivamente) relativas a terceiros, e não à vida do narrador (Andrade). O que se quer salientar aqui é que parece bastante evidente que *os títulos com padrão -1^a são os que têm mais compatibilidade com o estilo de Andrade e é justamente neles que é mais visível sua “presença” em função de unigramas e bigramas privativos*. Isso faz imaginar que, se Andrade redigiu títulos, provavelmente foram os de padrão -1^a, mesmo que como complemento a uma primeira parte de título já com padrão +1^a escrita provavelmente por Pinto.

Um terceiro aspecto que chama a atenção é o fato de que há diversas expressões de *retroreferência* nos textos dos capítulos da *Peregrinação*, mas em apenas uma se usa o termo *capitolo*: cf. “de que atras ja fiz menção *no capitolo cento & dez*” (PER₂, cap. 122, f. 144va38-39) por oposição a “do mesmo Aquarem Dabolay seu cunhado, que fora por Embaixador a Malaca, *como atras ja fica dito*” (PER₂, cap. 18, f. 18ra40-18rb2), que retoma “Este Embaixador, que era cunhado do mesmo Rey dos Batas, & se chamaua Aquarem Dabolay” (PER₂, cap. 13, f. 12rb35-37), ou ainda “Despois que o Rey Bramaa ouue em Pegù aquella grande vitoria cõtra o Xemindoo, *como atras fica contado*” (PER₂, cap. 190, f. 244rb16-20), que retoma “por espaço de pouco mais de tres horas o exercito do Xemindoo foy desbaratado, cõ morte de trezentos mil dos seus, & elle fugio com seis de cauallo para hũa fortaleza que se dezia Batelor” (PER₂, cap. 188, f. 243rb13-18). Tal fato sugere que aparentemente Pinto não teria feito nenhuma divisão em capítulos em um estágio preliminar da composição da obra, mas, em um estágio posterior, teria ele mesmo inserido os títulos de capítulos e também teria inserido, nessa mesma fase posterior, a única referência explícita à numeração de capítulo (no caso, ao cap. 110). Parece sustentar essa interpretação de ausência de divisão no estágio preliminar o fato de o texto apresentar certos *marcadores textuais de mudança temática*, ou seja, ao longo da elaboração preliminar do texto, Pinto delimitou os conteúdos com marcadores de mudança temática, e não através de segmentação em capítulos. Dois exemplos de marcadores textuais de mudança temática³¹ são “Agora me quero tornar ao proposito de que hia

31 Esses marcadores quase sempre ocorrem com os itens lexicais *tornar*, *agora* e *propósito*, em diferentes ordens e em diferentes flexões. Expressão semelhante se encontra em uma das cartas de Pinto: “Tornado chariss.^{os} irmãos a meu proposito” (Carta, 1554, Ms. Azul 11, f. 241r10-11). É possível que fosse uma expressão comum na época, pois Andrade também a usa na sua tradução da obra de Barleti (“Tornando a nosso proposito” (BARLETI, 1567, cap. III, f. 2vb7-8)), fato que evidencia que semelhanças entre a *Peregrinação* e a tradução da obra de Barleti por Andrade não são provas seguras de que este também redigiu os títulos da obra de Pinto.

tratando” (PER₂, cap. 33, f. 33va5-7), que está justamente no início do capítulo logo após o título, e “Porem deixemolo agora yr que a seu tempo tornaremos a elle, & tornemonos ao Bramaa” (PER₂, cap. 188, f. 243rb22-25), que está na seção final do capítulo, sendo o penúltimo período. Para defender a tese de houve inclusão dos títulos apenas depois do término do texto, podem-se citar também os casos de *repetição sequenciada* na forma dos títulos, como nos caps. 126 (“Do caminho que fizemos desta cidade de Tuymicão até chegarmos ao terreyro das caueyras dos mortos”, f. 150rb23-26), 127 (“Do caminho que fizemos até chegarmos à cidade de Quanginau, & do que nella vimos”, f. 150va2-4) e 128 (“Do caminho que fizemos desta cidade de Quanginau, até a cidade de Xolor, & do que nella vimos”, f. 152va31-34), repetição que sugere um processo contínuo de redação de títulos e não um processo alternado entre redação do título de capítulo e redação do texto de capítulo.

Conclusões

A discussão de atribuição de autoria dos títulos dos capítulos da *Peregrinação* é bastante complexa, (a) porque há grande discrepância entre a extensão do conjunto dos títulos dos capítulos e a do conjunto dos textos dos capítulos (este é 60 vezes maior do que aquele), o que torna não recomendável uma abordagem quantitativa, (b) porque o material para identificar o estilo de Fernão Mendes Pinto é muito limitado e (c) porque os envolvidos eram pessoas que viveram em época próxima (Pinto, *ca.* 1510-1583; Andrade, *ca.* 1540-1614) e em lugar próximo (Lisboa e Almada) e, além disso, ambos tinham prática de escrita de texto narrativo (Pinto, *Peregrinação*; Andrade; *Crônica de D. João III*), tratando de eventos semelhantes (parte da *Crônica* de Andrade abrange eventos no Oriente, que é o principal tema da *Peregrinação*).

No que se refere à hipótese de trabalho de que Francisco de Andrade foi o autor dos títulos dos capítulos da *Peregrinação*, pode-se dizer que se constataram evidências *internas* de que *procede parcialmente*.

Por um lado, foi possível identificar evidências para se sustentar que Pinto foi autor de títulos da *Peregrinação* (provavelmente, da maioria deles). Uma primeira evidência é a *existência de um topônimo que aparece apenas no título* (Camoy, cap. 44). Se Andrade teve o escrúpulo de imitar o estilo de Pinto (como defendeu Castilho) para ser fiel ao autor, por que incluiria topônimo que não está no texto do capítulo? Mesmo que Andrade conhecesse esse topônimo (mas não está presente nas suas próprias obras consideradas neste estudo), como ele poderia saber exatamente a que entidade geográfica deveria ser aplicado com base na descrição tão genérica e circunstancial de Pinto nesse caso (a descrição de Pinto para Camoy, como já foi mencionado, é simplesmente “hũa grande bahia onde andauão algũas barcaças pescando aljofre”)? Uma segunda evidência é a *existência de alto grau de ancoragem dos títulos nos textos dos capítulos*. Em certos casos, a ancoragem se refere a seções de início dos capítulos, mas, em outros, os componentes que se verificam nos títulos estão muito difusos nos textos dos capítulos, retomando ora elementos do capítulo anterior, ora elementos dispersos ao longo do próprio capítulo. Se Andrade teria tentado imitar o estilo de Pinto, parece improvável que ficasse coletando expressões muito dispersas ao longo do texto. Uma terceira evidência é a *retrorreferência no próprio texto a uma numeração de capítulo* (referência no cap. 121 ao cap. 110). Dois outros aspectos — os *marcadores de mudança temática* e a *repetição sequenciada na forma de títulos* — sugerem, a propósito, que a redação e a inserção dos títulos tenham ocorrido apenas após o término da obra.

Por outro lado, também foi possível identificar evidências de que Andrade fez intervenções nos títulos da *Peregrinação*. Uma primeira evidência são os *unigramas* (*aneixa* e *mouediças*) e *bigramas* (*mercador mouro*, *cruel batalha*, *larga informação* e *triste morte*) *privativos dos títulos* da *Peregrinação* que foram encontrados em alguma das obras de Andrade. Também se considerou como evidência da presença de Andrade nos títulos o fato de *justamente esses unigramas e bigramas privativos ocorrerem em*

títulos prioritariamente com padrão de -1ª pessoa, que é o estilo que Andrade adotou nos títulos dos capítulos das suas obras.

Como já comentado, o principal fundamento para a tese de que Andrade redigiu os títulos da *Peregrinação* é a afirmação de Maldonado, mas, para esta afirmação, este não apresentou dados suficientemente elucidativos, logo essa evidência externa deve ser vista com reserva. Isso significa, a propósito, que a interpretação de Monteiro (1952, v. 1, p. 8) de que “a obra inteira fosse um infundável parágrafo” procede em parte, no sentido de o texto da obra ter sido terminado *antes* da inserção dos títulos dos capítulos por seu próprio autor.

Em síntese, a interpretação que se considera a mais adequada para o caso é a de que o próprio Fernão Mendes Pinto redigiu e inseriu títulos na sua obra (exercendo a função *executiva* de autoria), mas apenas após ter terminado o texto dela, e Andrade realmente fez intervenções nos títulos (exercendo a função *revisora* de autoria). Sendo assim, reforça-se a interpretação de Schurhammer (1963) de que o texto impresso da *Peregrinação* representa essencialmente aquele que Pinto deixou, mas com algumas alterações superficiais feitas por Andrade.

Procurou-se, no presente estudo, apresentar uma modesta contribuição para a discussão do tema da atribuição de autoria dos títulos dos capítulos da *Peregrinação*. Trilhou-se o caminho da busca de *evidências internas*, retomando a abordagem iniciada por Castilho (1865). Considera-se, no entanto, que há ainda muito mais a ser explorado segundo essa abordagem, seja aprofundando na análise das obras de Andrade, para tentar identificar o que seria privativo do seu estilo (por oposição ao que era comum em autores da época que escreveram sobre temas conexos), seja analisando com detalhe outros aspectos linguísticos dos títulos da *Peregrinação* em comparação com o texto dos capítulos, como, p. ex., o uso de dêiticos (demonstrativos e advérbios de lugar), o que permitirá mapear as perspectivas adotadas tanto nos títulos quanto no texto dos capítulos e confirmar que se trata de componentes textuais redigidos em diferentes momentos.

Referências

ANDRADE, Francisco de. **O primeiro cerco que os turcos puserão há fortaleza de Diu nas partes da India, defendida pelos portugueses.** Coimbra: [João de Barreira], 1589. Disponível em: <https://purl.pt/14569>. Acesso em: 08 abr. 2022.

ANDRADE, Francisco de. O primeiro cerco de Diu. In: _____. **Obras de Francisco d'Andrade.** Lisboa: Escriptorio da Bibliotheca Portugueza, 1852. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=u9DTAAAMAAJ>. Acesso em: 08 abr. 2022.

ANDRADE, Francisco de. **Cronica do muyto alto e muito poderoso rey destes Reynos de Portugal dom João o III.** Lisboa: Jorge Rodriguez, 1613. Disponível em: <https://purl.pt/13803>. Acesso em: 08 abr. 2022.

ANDRADE, Francisco de. **Crónica de D. João III.** Introd. e rev. Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, 1976.

AYRES, Christovam. Fernão Mendes Pinto: subsidios para a sua biographia e para o estudo da sua obra. **Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa**, Nova Série, 2ª Classe, Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 1-127, 1905. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zUM9AQAAMAAJ>. Acesso em: 08 abr. 2022.

BARLETI, Marin. **Chronica do valeroso principe & inuenciuel Capitão Iorge Castrioto [...].** Lisboa: Marcos Borges, 1567. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/bibliotecaruibarbosa/16941>. Acesso em: 08 abr. 2022.

BARLETI, Marin. **Historia de vita et gestis Scanderbegi Epirotarum principis.** Roma: B. V., [1508-1510]. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/2021666892>. Acesso em: 08 abr. 2022.

BARLETI, Marin. **De vita moribus ac rebus praecipue adversus turcas, gestis, Georgii Castrioti, clarissimi Epirotarum principis** [...]. Argentorati: Cratonem Mylium, 1537. Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10197969>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CASTILHO, José Feliciano de. Notícia da vida e obra de Fernão Mendes Pinto. *In: _____*. **Excerptos seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juízo crítico, apreciações de bellezas e defeitos e estudo de língua por José Feliciano de Castilho**. Rio de Janeiro; Paris: Liv. de B. L. Garnier; Aug. Durand, 1865. 2º t., p. 159-288. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=qnICA AAAcAAJ>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CORREIA, João David Pinto. A construção do colectivo na *Peregrinação*: percursos e significado. *In: SEIXO, Maria Alzira; ZURBACH, Christine (org.)*. **O discurso literário da *Peregrinação*: aproximações**. Lisboa: Cosmos, 1999. p. 169-212.

COUTO, Diogo do. **Decada quinta da Asia** [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1612. Disponível em: <https://purl.pt/29502>. Acesso em: 08 abr. 2022.

GARCIA, José Manuel. Apresentação. *In: PINTO, Fernão Mendes*. **Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto**. Edição fac-similada. Maia: Castoliva, 1995. p. 7-18.

GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, José Manuel; MORENO TEJERO, Ángel; HERNÁNDEZ PIÑA, José Manuel. **Oropesa y los Alvarez de Toledo**. Toledo: IPIET, 1985. (Temas Toledanos, 41). Disponível em: <https://realacademiatoledo.es/oropesa-y-los-alvarez-de-toledo-por-jose-manuel-gutierrez-rodriguez>. Acesso em: 08 abr. 2022.

JOHNSTONE, Barbara. **Qualitative methods in sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2000.

LABOV, William. Building on empirical foundations. *In*: LEHMANN, Winfred Philip; MALKIEL, Yakov. (Eds.) **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.24.06lab>.

LOUREIRO, Rui Manuel. Um cronista esquecido: Francisco de Andrade e as suas obras. **Povos e Culturas**, Lisboa, v. 20, p. 285-304, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2017.9025>.

LOVE, Harold. **Attributing authorship: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LUCENA, João de. **Historia da vida do padre Francisco Xavier**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1600. Disponível em: <https://purl.pt/14775>. Acesso em: 08 abr. 2022.

MALDONADO, Francisco de Herrera. Apologia en favor de Fernan Mendez Pinto y desta Historia Oriental. *In*: PINTO, Fernão Mendes. **Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto** [...]. Madrid: Tomas Iunti, 1620. f. 1r-8v. Disponível em: <http://data.onb.ac.at/rep/104A70C2>. Acesso em: 08 abr. 2022.

MCMENAMIN, Gerald R. **Forensic linguistics: advances in forensic stylistics**. Boca Raton: CRC Press, 2002.

MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. **Biblioteca de traductores españoles**. Santander: CSIC, 1952-1953. 4 v. Disponível em: <https://www.larramendi.es/menendezpelayo/es/corpus/unidad.do?idCorpus=1000&idUnidad=101005&posicion=1>. Acesso em: 08 abr. 2022.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto** [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1614. Disponível em: <https://purl.pt/82>. Acesso em: 08 abr. 2022.

PINTO, Fernão Mendes. **Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto** [...]. Madrid: Tomas Iunti, 1620. Disponível em: <http://data.onb.ac.at/rep/104A70C2>. Acesso em: 08 abr. 2022.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação de Fernão Mendez Pinto**. Nova edição conforme á primeira de 1614. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1829. 4 v. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=cxBFAQAAMAAJ>. Acesso em: 08 abr. 2022.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinaçam = Peregrinação**. Versão integral em português moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa; Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro; Casa do Estudante do Brasil, 1952-1953. 2 v. Disponível em: <http://purl.pt/26736>. Acesso em: 08 abr. 2022.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e Itinerário de António Tenreiro, Tratado das Cousas da China, Conquista do Reino de Pegu**. Introd. de Aníbal Pinto de Castro. Porto: Lello & Irmão, 1984.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. In: BIBLIOTECA Virtual dos Autores Portugueses. Coordenação científica de Ivo Castro, Teresa Amado, Cristina Almeida Ribeiro e Paula Mourão. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998.

SAVOY, Jacques. **Machine learning methods for stylometry: authorship attribution and author profiling**. Berlin: Springer, 2020.

SCHURHAMMER, Georg. **Orientalia**. Roma: Institutum Historicum S.I., 1963. (Bibliotheca Instituti Historici S.I., 21).

TRÍAS FOLCH, Luísa. La traducción española de la *Peregrinação* y la comedia española *Fernan Mendez Pinto*. In: ÁLVAREZ SELLERS, María Rosa. (ed.) **Literatura portuguesa y literatura española: influencias y relaciones**. València: Universitat de València, 1999. (Anexo dos *Cuadernos de Filologia*, v. 31). p. 37-54.

Anexo

Edição diplomática da *Apologia en favor de Fernan Mendez Pinto, y desta Historia Oriental*, de Francisco de Herrera Maldonado³²

1. Normas de edição

1. Edição realizada a partir do fac-símile digital do exemplar de cota 393925-C do impresso de 1620 da Biblioteca Nacional Austríaca.

2. Reprodução da grafia do modelo de forma geral (grafemas, diacríticos, maiúsculas e minúsculas, abreviaturas, presença ou ausência de sinal de pontuação [exceto no caso de evidência de gralha], paragrafação, grifos, etc.), com algumas poucas modificações (conversão de capitular em maiúscula, eliminação de ligaduras e nexos, uniformização de alógrafos de *s*, conversão de algarismos romanos em arábicos [exceto em nomes], uniformização do espaçamento dos sinais de pontuação, eliminação de separação intravocabular em final de linha, supressão de hífen, eliminação da translineação original, eliminação de reclamos).

3. Conversão das notas de margem lateral em notas de fim de texto, com introdução de número de remissão no corpo do texto junto ao nome do autor referenciado.

4. Inserção do número do fôlio em itálico e entre parênteses.

5. Incorporação das erratas indicadas no f. [v]-r e correções de outras gralhas tipográficas, marcadas no texto com colchetes.

32 Esta edição foi realizada por César Nardelli Cambraia.

2. Edição

Texto

[f. 1r]

APOLOGIA EN FAVOR DE FERNAN MENDEZ PINTO, Y

desta Historia Oriental.

POR EL LICENCIADO FRANCISCO

de Herrera Maldonado, Canonigo de la santa Yglesia Real de Arbas.

FERNAN Mendez Pinto: porque empecemos (ò Lector amigo) por el principal sugeto deste assumpto, fue hombre de agudo ingenio, de singular memoria, y de experiencias notables, que alcançadas por tantos trabajos, y peregrinaciones, le adquirieron fama eterna, y estimacion entre los mayores Principes del Asia, y Europa, siendo generalmente oydo de los Reyes, y estimado de los nobles: porque las miserias, y trabajos, padecidos por la Religion, por la Patria, y por respetos tan licitos, grãgean, y es justo que grãgeen, nombre perdurable, y honras de estima. El Rey don [F]elipe Segundo, verdaderamente Principe Catolico, Prudente, y dignissimo, passaua muchos ratos con oyrle, dando tanto credito a sus verdades, como era buen testigo el tiempo que gastaua en saberlas: porque a no serlo, no le perdiera en cosas valdias, y dudosas, patrañas sin sustancia ni orden, quiẽ tan grandemente detestaua la mentira, y tan bien conocia la verdad: las que van en esta Historia, que son las mismas que su Magestad tan gratamente oía, no auia menester mas abonado testigo, si la peruersidad humana tuuiera justo limite, y no corrieran tan sin el las intenciones de los hõbres, que aun à informaciones tan

juridicas, y tan autenticas se atreuen a tachar de falsarias: porque la embidia, y la adulacion son tan poco corte sanas para creer en esta era (lastimosa en cien mil acciones) que faltandoles para estimar el bien ageno, les sobrã para no reparar en daños propios, a trueco de desdorar la opinion mas limpia, y quitar el mas merecido premio. El que oy da el mundo a los Escritores es muy sabido, y no sabe nada quien espera otro de sus desuelos: porque ay legiones de hõbres valdios, demonios a lo humano, que juzgandose cada vno por otro Socrates en el oraculo de su presuncion, y locura, gastan el tiempo en murmurar a lo soberuio, tachar a lo satyrico, y juzgar a lo necio, acumulando necedades a su antojo, y midiendo los trabajos y estudios agenos cõ sus cortas, ò ningunas experiencias, y siẽdo como el animal, de quiẽ dizẽ Plinio¹ y Eliano², q̃ nace con el Alua, enuegeze al medio dia, y muere cõ la noche, [*f. Iv*] sin atreuerse à buscar mas sustento que el poco que puede coger la boca, sin apartar el cuerpo de la tierra, que al nacer le señalò tan breue sepultura: les parece que tienen voto en todas ciencias, y no solo se animan ha hablar entre hombres doctos, sino que presumen leuantarse con la Minerua de Athenas, Faetontes, que sin conocer al Sol quieren gouernar su carro, mudar los signos al Zodiaco, y enmendar la Ecliptica, sin aduertir que su misma presuncion les sirue de muerte, y desengaño su locura, poniendo duda y glossa à las verdades que no alcançan, culpando la opinion de los que gastaron en saberlas tantos años, como ellos estuuieron en ignorarlas. Bien al cabo estaua san Geronimo³ desta maxima que oy està en el mundo recebida por infalible de los que no saben apreciar las cosas, quando dixo, que no la auia mas facil, *Quam otiosum, & dormientem de aliorũ labore, & vigilijs] disputare*, aludiendo à lo de Seneca⁴, *nulla tam modesta felicitas [est], & vt malignitatis dentes vitare possit*. Y si esto es en todo genero de historias, como puede esperar menos el que la escriue de cosas admirables? Pues por la nouedad de la materia, por la singularidad del assunto, es forçoso que padezca la verdad alguna injuria, porque la admiracion de nouedades es madre de diuersas opiniones, y pocas vezes en fauor de quien las dize: Esto de dexar campo abierto, para que la adulacion, ò la ignorancia, discanten sobre las acciones propias, siẽpre es

perigoso para los ã forçosamente han de fiarlas del mũdo, adonde ay ingenios tan sutiles, que como dize Eneas Syluio⁵, no ay concepto ã no aueriguen, palabra que no comenten, y obra que no arguían, y aũque es ansi lo que dize el gran Patriarca de Venecia⁶: *Quae veritas nullius testimonio indiget, habet enim testimonium in se*, porque contra ella, *nequè malus, nequè iniustus [.] valet, obijcere quidquam*. No me parece del todo culpable el parecer de san Gregorio⁷, que *omne, quod agimus praeuenire, per studium considerationis debemus*, porque como aduierte Tulio⁸, *Fugiendum illud est, ne offeramus nos periculis sine causa, quo nihil potest esse stultius*. Esto pudiera aduertir Francisco de Andrada, Coronista mayor de aqueste Reyno de Portugal, quãdo vinieron à sus manos estos originales de Fernan Mendez Pinto, para que los dispudiesse, corrigiesse y enmẽdasse antes de imprimirlos, pues no salieron bien de las de hõbre tan docto sin la aueriguaciõ necessaria destas verdades, para con esso dar mas estimacion à la obra, y mas opinion al dueño, ya que quiso ignorar, que para la propia suya no tenia disculpa tan grande descuydo, pues dexò tan imperfecto este libro, que antes que corregirle le ofendio de nueuo, dando ocasion en lo mal ã le dispuso, para que de sus verdades criassen dudas y opiniones⁹, los hõbres de talẽtos apestados, que esse nombre daua el Emperador Sigismundo¹⁰ à los tocados de aquella enfermedad que Iusto Lipsio¹¹ llama, *scabies ingeniorum*, sarna del ingenio, por lo ã entiende este varon docto la passion del entendimiento que suelẽ tener los hõbres presuntuosos en la doctrina que defiẽden, y en la ciencia que professan: cõtation que de ordinario padecẽ los que viuen tan enamorados de sus estudios, ã pagados y satisf[e]chos de sus talentos, se agradan de lo ã saben, como los padres aun de los hijos muy feos. Biẽ se me alcãça ã como dixo S. Ambrosio¹², entrambas cosas son como naturales en el hõbre: pero no obstãte esta aficion à sus escritos, y esta general detestacion à los agenos; pudiera Francisco de Andrada con otro defensorio, como este, satisfazer à los doctos y quietar à los ignorãtes y el interessara el librarse de la sentencia de S. Iuã Chrisostomo¹³, adõde [f. 2r] dize que, *non solùm proditor est veritatis, qui mendatiũ pro veritate loquitur, sed qui no liberè pronuntiat veritatẽ, quã*

pronũtiare oportet, aut non liberè defendit veritatẽ, quã defendere oportet. Y san Agustin¹⁴ confirmando la misma culpa, *Qui veritatẽ occultat, & qui prodit mendatium, vterquè reus est, ille quia prodesse nõ vult, iste quia nocere desiderat.* Echasele muy bien de ver en este descuydo ã no auia leydo à Cardano de rerum varietate¹⁵, las varias lecciones de Vitorio¹⁶, ni el Dilucidario del doctissimo Gregorio Tolosano¹⁷, ã allí hallara muy por mayor las partes ã ha de tener la historia para ser digna, y los apoyos y defensas ã ha menester la verdad de cosas admirables, y ã no basta dezir lo cierto del caso, la cõputacion del tiẽpo, y el todo del sucesso, sino que es forçoso hazerle verissimil, absoluiendole, ò cõ razones bastantes, ò con autoridades ciertas, quietando al docto ã duda, y al ignorante ã no sabe: porque la admiracion y la mentira, facilmente se dan las manos, y hallan assiento en el entendimiẽto mas presuntuoso, y discursiuo, con ã pone en duda la opinion y el premio. Verdaderamente le merecia grande Fernan Mendez Pinto, no digo en lo ã passò, porque essa satisfacion compete à juyzio mas leuantado, si por esta historia ã nos dexò escrita, pues en ella da la luz bastãte cõ sus peregrinaciones, prisiones, cautiuerios y trabajos à la nacion Portuguesa, gloriosa en dilatar la Fè Catolica en partes tan remotas, para ã pueda cõ mas comodidad proseguir las famosas conquistas que han dado tanta opinion de valientes, de fuertes y de Christianos a sus naturales, ã famosos en tantas hazañas, hã lleuado à Reynos tan distantes del suyo, sus nõbres armas y memorias, sugetando tantas fuerças, conuirtiendo tantos infieles, y enseñando à tãtos barbaros, como es abonado testigo, la admiraciõ comun ã mira en el cielo muchos martyres, en la Yglesia innumerables fieles, y en Portugal millares de curiosidades y riquezas, impossibles vencidos con la misma sangre, esta fue la causa, porque con cuydado lei este libro al principio sin intento de traducirle, animado de lo mucho ã auia oydo admirar a hombres doctos, la noticia que en el se daua de aquel oriẽte, por auer vistose su dueño peregrinando, ya soldado libre, ya cautiuo preso, adonde hasta entonces no auia pisado pie de Europa; leyle cõ aduertẽcia, y hallè en el cosas tan admirables, sucessos tan raros, acontecimientos tan de estima, noticia de tantas distancias, de tan diuersas

gentes, ritos y costumbres, Religiones, Estados, Gouiernos, Reynos y Prouincias, ã me parecieron dignissimos de ã todo el mûdo los supiesse, y ansi ocupè en traduzir esta admirable historia, la vacante de estudios mayores, teniendo por biẽ empleado el tiẽpo de tã loable ocupacion, pues merece ser agradecida y estimada de todos estados, porã como dize san Chrysostomo¹⁸: *Ad nullam rem tam cupidũ est humanum genus, quã ad ignorata cognoscenda*. Cosas de risa hallarà aqui el melacolico cõ los disparates de los Gẽtiles, el graue discursos leuantados en su modo de gouierno, admiracion los doctos en la variedad de sectas y opiniones, consuelos el mas triste cõ agenas penas, si es ã con essas se oluidã las que son propias: el discreto agudezas en el proceder de aquellas gentes de Asia, el desdichado exemplos con algunos lastimosos, el perseguido aliuios, riquezas el auariento, y guerras el valiente, y todos hallaran algo, solo el necio no hallarà nada en aquestos discursos, porã como dize Seneca¹⁹: *Stulto nulla re opus est, nulla enim vti scit, sed omnibus eget, omnis stultitia laborat fastidio sui, nemo est ex imprudentibus qui relinquere sibi debeat*. Y ansi no se ha de escriuir, para los que no supieron [*f. 2v*] aprender. No alcãçamos cõ pequeno trabajo la versiõ deste libro, por hallar su original escrito fuera de las reglas y preceitos de toda buena retorica, ã como su dueño se preciaua mas de soldado, ã de docto, escriuio las jornadas de su vida (admirables por cierto en todo) como las yuã haziẽdo, sus sucessos, sin mas aduertencia de preambulos, digressiones y figuras, no acordãdase tanto del deleytable del Poeta, como del vtil de la verdad, y ansi la dexò en esta historia desnuda de todo artificio, sin vsar en su cõposicion de la variedad hermosa ã al escri[t]or encomienda Platon²⁰ de la oracion perfeta, acabando los periodos con numero cõplido, como agudamente ense[ñ]a Fauorino²¹ de la breuedad modesta ã dize Horacio²², de la claridad distincion y agudeza que adierte S. Ambrosio²³, de la colocaciõ del sugeto con la materia y forma, como lo quiere Marsilio Ficino²⁴, de la vnion y correspondencia de antecedentes y subsequentes que da por necessaria Baldo²⁵, de la vnidad y energia de nombre y verbo ã pone Cicerõ²⁶ y de la simpatia de las sentencias, pẽsamientos, discursos y concetos, que pinta tan doctamente Pedro Moselano²⁷ para la perfecciõ del

libro, porque este nũca pensò su dueño ã le viessen tantos ojos, y ansi se cõtentò cõ hazer à los de sus hijos vna representacion tosca de sus trabajos, verdades brutas (llamemoslas ansi) diamantes por labrar: pero de preciosos fondos y quilates, para que supiesen valerse en los suyos con su exemplo, porque las experiencias ajenas siruen de muralla, y de defensa en las aduersidades propias de quien tan mal sabe librarse la vida. Despues de la del autor se tratò de dar estas curiosidades à la estãpa por parecer en todo dignissimas, y viendo estas verdades tan à lo tosco y à lo por labrar en el language y ornamentos historicos, afeyte ã haze mas hermosa à la verdad, y sube à la certeza de quilates, dierõ à quien ya he dicho cargo de pulirlas ã le parecio ã lo estauan bastantemente con diuidirlas en capitulos sin considerar las mayores faltas, y sin hazerlas mas defensa, y ansi el año de mil y seyscientos y diez y siete, salieron à la plaça del mũdo: de manera, ã aora quando las traduzimos no fue possible ã fuesse guardando la regla de S. Geronimo²⁸, y Roberto Oliuetano²⁹, ã dizen ã sea palabra por palabra, porã no nos dio lugar su poca correspõsion y elegancia, si empero lo hizimos sin apartarnos del sentido cierto de los assuntos, poniendo todo cuydado en buscar frasis propias, y eligiendo palabras ã tuuiesen mayor parentesco y energia cõ las estrañas sin faltar al tiẽpo sucesso modo y caso, como quierẽ Aulo Gelio³⁰ en el lib. 5. de sus noches de Athenas, Iuã Maria de Tolosa³¹ en su breuiloquio, y Pedro Victorio³² en sus varias lecciones, y ansi siẽdo forçoso vestir de concetos y sentencias esta escritura de ã estaua mendicãte, y no se escusauã, porã la elegãcia, el gusto, la erudiccion y metodo historial, no perdierã su decoro, ni quedarã disiertos de necessidad, auia de salir esta traduccion de mayor volumen, pues lleua de mas el adorno ã faltaua al original primero, ã aun cõ las imperfecciones ã he dicho fue notablemẽte biẽ recebido en todas partes, adonde se entiẽde la lẽgua Portuguesa porã de todos los autores ã escriuieron de aãl Leuãte ninguno escriuio mas difusamente, ni tãtas particularidades, como aãste por auer visto mas ã todos. Esta misma estimaciõ suya cõbidò a mi volũtad para comunicarle à todos en la lengua Castellana³³, para ã ella como Reyna de todos los idiomas por lo dulce, por lo copioso, sonoro, y graue

pudiesse servir à las demas naciones de su dilatado Imperio cõ joya tã de estima, y [por]q̃ la tẽga este libro cõ todos estados, y q̃ la nouedad de sus materias no la de à los indoctos, para dudar de su certeza me parecio necessario aueriguar [f. 3r] estas verdades cõ autores autenticos y cientificos, prouãdo las cosas mas admirables destes discursos, y q̃ à la primera vista à los entendimiẽtos q̃ le tienẽ tan corta, les parecẽ imaginaciones, ò milagros, remitiendo en lo demas al curioso, à los autores de aquel oriente, de q̃ le harè vn Catalago por si quisiere, como yo aora lo mayor y famoso aueriguar lo q̃ fuere menos. Esto harè con la mayor breuedad q̃ me sea possible, por no salir del precto de Seneca³⁴ y Valerio Maximo³⁵, q̃ vno dize q̃ el escritor: *Debet totum comprehendere sub exiguo*, y el otro, que, *multa & magna breuiter sunt tractanda*, porque como dize Hugon³⁶: *Lectio duobus modis animo fastidium ingerere solet, & affligere spiritum, qualitate, videlicet, si obscurior fuerit, & quãtitate si prolixior extiterit, in quo vtroquẽ, magno vti moderamine oportet, ne quod ad refectiõẽ quae sitũ est, sumatur ad suffocationem*. Las grandes riquezas que aqui se cuentan del Reyno de la China, y de los otros muchos de q̃ se dà noticia en este libro, han embaraçado bastãtamente a algunos ingenios, q̃ no se persuaden a q̃ aya en las Indias, ni en el mũdo mas riqueza q̃ la q̃ ellos tienen en sus casas, y ansi quãdo leen de tanta estatua de oro y plata, tanta chaperia, tãta baxilla, lãparas, tronos, sillas, camas, tantas piedras preciosas, y tantos cuẽtos de renta, ò les enfada su embidia, ò les desespera su pobreza, para q̃ lleguẽ a creer q̃ ay tanto, y q̃ ellos alcancen tan poco, q̃ aũ no alcançan a creer cosa tan possible, bueno fuera a los tales dexarlos con esta necedad: pero digamosles algo, para q̃, ò del todo les mate su embidia, ò les desespere su admiracion.

De las grãdezas de aq̃l Leuãte, y particularmẽte del Reyno de la China, trata difusamẽte el Padre Nicolao Trigauccio³⁷ de la Cõpañia de Iesus, en su libro de *Christiana expeditione apud Sinas*, por todo el libro primero, y principalmẽte en el c. 6 de *Senẽsis Reipublicae administrat.* adõde pone el valor de las rẽtas de aq̃l Principe Fr. Gaspar de la Cruz³⁸ en su lib. de la China en el c. 3. 4. y 5. adõde pinta embarcaciones guarnecidas de oro, grandes y

ricas baxillas, estatuas y arcos, y en el 19. adõde da cuêta del valor de las rêtas Reales. El Padre Iuã de Luzena³⁹ en la vida del Padre Francisco Xauier en el lib. 10. desde el cap. 17. hasta el 24. adõde trata hartas grandezas de aq̃l Reyno, y palacios de sus Reyes, teniêdo antes dicho mucho desto en el c. 13. del lib. primero en la descripciõ ã haze de los Reynos de aquel oriête. Antonio Galuã⁴⁰ en sus descubrimientos fol. 39. pone las perlas por cestos y canastas, y en nuestra⁴¹ historia de la Florida, se hallaran casas y tẽplos llenos dellas. El Padre Mendoça⁴² en su libro de la China gasta todo el primero en las grandezas y tesoros de aq̃lla Monarquia, pero particularmente hasta el cap. 9. dize de su fertilidad, abundancia y riqueza, y en el c. 2. del lib. 3. pinta salas de oro, de plata, y de piedras preciosas en los palacios de aq̃llos Reyes, sobre lo qual se puede ver à Trigautio⁴³ lib. 1. c. 7. §. Palatij Regis. El doctor Babia⁴⁴ en la tercera parte de su historia Pontifical, c. 18. in vita Sixti quinti, Botero⁴⁵ en sus relaciones, Fr. Iuã de los santos⁴⁶ en su Etiopia Oriëtal, c. 8. y la historia Ecclesiastica de Iayme Rebullosa⁴⁷, pone admiraciones notables en riquezas y tesoros, Ribadeneyra⁴⁸, Ma[f]jeo⁴⁹, y Luys de Guzmã⁵⁰ en sus historias Oriëtales por muchos capitulos. Y si todauia quisierẽ mas testigos de las riquezas de q̃ dudã, hagã la consecuencia cõ las grandiosas de las islas Occidêtales, ganadas por nuestros Españoles, y hallaran bastãtemête conocida su incapacidad, y descubierto su engaño. Remitome en esto a los historiadores de aq̃l mundo Padre Blas de Valera⁵¹ de la Cõpañia, Iosef de Acosta⁵², el Licenciado Polo⁵³, [f. 3v] Pedro Cieça de Leon⁵⁴, el Contador Zarate⁵⁵, Miguel Vazquez de Padilla⁵⁶, Fr. Pedro Martyr⁵⁷, Coma⁵⁸, Casas Obispo de Chiapa⁵⁹, Frãcisco Lopez de Gomorra⁶⁰, Geronimo de Prado⁶¹, Doctor Fernãdez de Cordoua⁶², F. Geronimo Romã, Rebullosa⁶³, Botero⁶⁴, y Illescas⁶⁵, Antonio de Herrera⁶⁶, Pineda⁶⁷, y F. Prudẽcio de Sãdoba⁶⁸, y tãbien como todos el Inca Garcilasso⁶⁹ en sus Comen. Reales, por muchos lugares, y particularmête en el c. 20. del lib. 3. adõde hablãdo del tẽplo del Sol, q̃ estaua en la Imperial del Cuzco, dize, q̃ era vn edificio muy grãde, cubierto todo de tablones de oro, cõ vna imagen del Sol de lo mismo, estaua tã grande q̃ tomaua el alto de la frontera de la fabrica, y q̃ à toda ella por la parte de afuera la abraçaua vna

cornixa de oro de vna vara de ancho; alli dize q̃ auia aposentos para la Luna, y Estrellas de planchas de plata, y otro de oro para el arco del cielo, siẽdo de lo mismo el quarto de los sacerdotes. En el c. 24.⁷⁰ pone jardines de oro, q̃ tenian los Incas, cõ todos los arboles, flores, plãtas, fuentes, estãques, quadros, y yeruas, contrahechos al natural: troges llenas de trigo de oro, vn maiçal de oro, y de lo mismo baxillas, fuertes tinajas, tinajones, rimeras de leña, y todo el mas seruicio del templo, hasta calderos, azadas, y azadones. En el c. 24. del lib. 3.⁷¹ dize q̃ era de la misma manera en la casa de las virgines, mugeres del Sol, y q̃ como el del Cuzco auia otros tẽplos en otras Prouincias; famoso es el q̃ pone Blas de Valera⁷² en Titicaca: pero sobre todo admira el Palacio Real de los Incas, pues como dize Pedro de Cieça⁷³, c. 94. auia en el edificio en lugar de mezcla de cal, y arena, oro derretido para fraguar las piedras. Milagrosa es la maroma, ò cadena de oro q̃ mãdò hazer el Inca Guaynacaua⁷⁴ para vna dãça q̃ se hizo en la fiesta del nacimiẽto de su hijo Huascar (llamado ansi por memoria desta joya) era del grueso de la muñeca de vn hõbre, y tenia de largo treziẽtos y cincũeta pasos, q̃ son seteciẽtos pies, y tomaua los dos lienços de la plaça mayor del Cuzco, adõde se hizo aquel sarao. Ansi lo dize el Inca c. 1. del lib. 9. Acosta⁷⁵ c. 22 y Zarate⁷⁶ c. 14. lib. 1. y vease lo q̃ dize Fernã Lopez de Castañeda⁷⁷ en su historia, tratando de los Mogores, q̃ esso basta para satisfaciõ.

Acerca de lo que Fernan Mẽdez dize del Gouierno de aquellos Reynos: de la rectitud de la justicia, nombres de juezes, Virreyes, Magistrados, Capitanes, Gouernadores, y Ministros: de sus habitos, insignias, particularidades, y costũbres. Dizẽ lo mismo Botero⁷⁸ en sus relaciones vniuersales. Trigaucio⁷⁹ en varias partes, y en particular en todo el cap. 6. del lib. 1. de Senẽsis Reipub. administ. El P. Cruz⁸⁰ en el cap. 16. 17. 18. 19. 20. La 3. p. de la Pontifical de Babia⁸¹, in vita Sixti V. Iuan de Luzena⁸² in vita Xauierij por todo el lib. 10. Mẽdoça⁸³ en los cap. 9. y 10. del lib. 3. y por otros muchos de su Itinerario del nueuo mũdo. Mafeo⁸⁴ en su historia Oriental, y las cartas de la China que escriuio el padre Guerrero de la Compañia⁸⁵.

De las muchas carceles q̃ dize el Autor q̃ vio: del numero notabable de presos q̃ en ellas auia: de los açotes q̃ les dauã, tã cruels q̃ a treinta q̃ recibẽ mueren, y de las tablas q̃ traia al cuello cõ la memoria de los delitos porque erã detenidos: de las enfermerias, grandiosidad de edificios, huertas, y jardines q̃ tienẽ las carceles: las guardas, y defensas: las ferias famosas q̃ se hazẽ en muchas dellas por todas las Lunas nuevas, y de las diferẽcias y diuersidades q̃ ay de prisiones, y torturas, se podra ver mas a la larga en la historia de la China del P. Mẽdoça⁸⁶ c. 12. del lib. 1. Cruz⁸⁷ cap. 12. 9. y 21. q̃ dizẽ, q̃ en cada ciudad, cabeça de Reyno, ò de Prouincia ay treze carceles, y q̃ en Cantã, ciudad la mas pequena de la China, auia en vna mas de [f. 4r] quinze mil presos, Trigaucio⁸⁸ en muchas partes de su historia, Lucaena⁸⁹ c. 21. lib. 10. Alexandro Valigna[n]o⁹⁰ en sus cartas y otros. Pero poco ay q̃ espantar de las muchas carceles, ni del numero tan crecido de presos cõ q̃ se hallã de ordinario, ni menos de lo q̃ dize nuestro autor de la mucha gẽte de aquellos Reynos, pues lo vno y otro se halla copioso en sus escritores. El Padre Cruz⁹¹ dize en el c. 5. q̃ en la ciudad de Cantam no puede rõper la mucha gente q̃ à todas horas entra y sale por ciento y tantas puertas q̃ tiene, y Lucaena⁹² en el lib. 10. c. 19. dize, q̃ no cabe la gente por las calles, plaças y caminos de las ciudades y villas, y q̃ à sus puertas ay de ordinario el mismo concurso, q̃ quando nosotros frequẽtamos las Yglesias en ocasiones de fiestas y Iubileos, y q̃ aunque es ansi q̃ los Chinas tienẽ libros adonde estàn escritos los nõbres de los vassallos del Rey, por donde se cobran las rentas y tributos Reales⁹³, no se puede bien saber aun por aq̃llas matriculas el numero de la gente de aquella Monarquia: porq̃ no se escriuẽ en ellas por personas, ò por fuegos, como se haze entre nosotros, sino tan solamente algunos de cada familia, ò apellido, q̃ vendràn à ser de cada diez personas menos q̃ tres, ò quatro, sin entrar en este empadronamiento los oficiales de la hazienda Real, ni los ministros de justicia, que son grandissima cantidad, ni los Capitanes y gente de guerra, que passan de seys millones, y setecientos mil, y con todo esso con ser como son los menos los matriculados, passan de setenta millones, y dozientas y cincũeta mil almas: de suerte, q̃ de los q̃ quedan por matricular, parece q̃ solo

el guarismo de Arquimedes⁹⁴ en el libro del numero de las arcas será poderoso a numerarlo. Afirma el Padre Cruz⁹⁵ ã se espantauan los Portugueses de ver tantos niños juntos, y dezian ã sin duda pariã las mugeres de cinco en cinco, como dize Estrabon⁹⁶ en su lib. 5. ã lo hazian las Egipcias. El Padre Mendoça⁹⁷ en el c. 3. del lib. 3. quiere tratar de los vassallos tributarios ã ay en aquellos Reynos de la China, cosa muy dificultosa, y despues de andar numerando los de cada Prouincia, y echãdo hartos millones, al fin no se atreue à sumarlos, dexãdolo à la imaginacion de cada vno, y à lo ã por todo su libro dize desta materia. El Padre Nicolao Trigaucio⁹⁸ la aueriguo mejor en su libro primero, porque en el c. 2. ã tiene por titulo, *De nomine situ, & magnitudine regni Sinarũ*, dize ansi en el §. verũ ne. *Adultorũ porrò capita, à quibus vectigal Regiũ singulatim penditur 58. milliones, vt vulgus vocat, quingenta quinquaginta millia octingenta & vnum, eo tempore quo liber excusus erat numerabantur, sed in his nequè muliebris sexus includitur, & è virili pueri adolescẽtesque eunuchi, milites, propinqui Regis[.]. Magistratus, literatique, & alij permulti excipiuntur.* Desta verdad tratan los autores alegados, para aueriguaciõ de lo ã dize de las grandezas de la ciudad de Pequim, ã otros llamã Panquim, y Mẽdoça⁹⁹ Taypin, y Sutiem, lease el c. 8. de su historia de la China, adõde dize, ã es la mayor del mũdo, y ã para atrauesar de puerta à puerta, solo lo murado sin los arrauales y burgos, es menester todo vn dia de Verano, y yr en vn cauallo ã ande de portãte, Cruz¹⁰⁰, Mafeo¹⁰¹, y Sanroman¹⁰² en muchos lugares de sus historias Oriẽtales confirmã lo mismo, Trigaucio¹⁰³ lib. 5. c. 3. Y hablando de la ciudad de Nanquim, lib. 30. cap. 10 y en otras partes. En el cap.[.] 89 dize Fernan Mendez de vn tẽplo fundado sobre cantidad de columnas, y porã ha espantado a algunos esta arquitetura, quiero ã veã otra obra como esta en el Padre Cruz¹⁰⁴, c. 7. adõde dize ã vio en la ciudad de Fucheo en la casa del Presidẽte de Haziẽda, vna torre famosa y grãde, fundada sobre treynta columnas de a doze palmos de ruedo, y quarenta de alto, en el padre Trigaucio¹⁰⁵ hallara el cu-[f. 4v]-rioso algunos destes edificios, en Mẽdoça¹⁰⁶ la misma torre de Fucheo, c. 3. lib. 1. y en Mafeo¹⁰⁷, y F. Antonio de Sãroman¹⁰⁸, y en el lib. de Iorge Bruno¹⁰⁹ de descriptione ciuitatis Orbis, se hallarã vna

ciudad de ciẽ millas de circuyto, fundada sobre mil y dozientas y sesenta puentes, que es mas que lo ã hemos dicho; y otras en Africa¹¹⁰, y otras partes.

Pintanse en esta historia grãdes estatuas de bronze, y hierro; y porque no se dude de ã se puede vaziar tã grandes, vease el padre Cruz¹¹¹, c. 3. 4. y 5. Mendoça¹¹² lib. 1. cap. 9. y 10. y lib. 2. cap. 7. Botero¹¹³ en la relacion de Siam pone vna estatua de cincuenta passos de alto, y dize que las ay en aquellos Reynos notables, y disformes: y en la relacion de la China pone vna estatua de muger de notable grandeza. Rebullosa¹¹⁴ en [su] historia Ecclesiastica, fol. 117. y 118. trae mucho desto. F. Iuã de los Sãtos¹¹⁵ en su Etiopia 2. p. c. 7 y en el c. 12. hablando del tẽplo de Tremel. Lucena¹¹⁶ lib. 7. c. 1. 6. 8. y 9. Trigaucio¹¹⁷ lib. 1. c. 4. §. Statuae. Mafeo¹¹⁸, y Sanroman¹¹⁹ en el cap. 90. dize que vio casas fundadas en los rios; y poco ay que espantar desto, pues se halla lo mismo en Mendoça¹²⁰ c. 7 lib. 2. y en la segunda parte c. 14. y en muchas de su Itinerario. Lucena¹²¹ lib. 19. c. 19. Trigaucio¹²² lib. 1. c. 8. §. Vrbes nonnullę, pone ciudades enteras, y Marco Paulo Beneto¹²³, Oderico¹²⁴, Iorge Bruno¹²⁵, y Habraam Ortelio¹²⁶. Del modo ã dize en el cap. 97. que tienen en aquel Leuante para criar los anades, en embarcaciones sobre los rios, y que los sueltan en los regajos, sin ã al recogerlos se baragen vnos con otros, ni pierdan sus embarcaciones mismas, y del como los crian, y los sacã, vease Cruz¹²⁷ c. 7. y 8. Mendoça¹²⁸ c. 22. Trigaucio¹²⁹ lib. 1. c. 3. y otros muchos Autores. De las ciudades que dize en el c. 98. ã para las ferias se hazẽ en los rios de embarcaciones de todas suertes, hablã muchos Autores, Lucena¹³⁰ dize dellas en el c. 19. del libro 10. y otros Autores ã dexo, porã esta verdad la assegura bastantemente el numero de embarcaciones ã ay en aquellas partes, como dize Mendoça¹³¹ en su Itinerario del nueuo mũdo c. 17. y en muchas partes de su lib. de la China: el P. Cruz¹³² c. 8. y 12. Trigaucio¹³³ lib. 1 c. 3. §. Nauium copia. Lucena¹³⁴ c. 19. lib. 10. pintan embarcaciones riquissimas, y de mucha costa, para los señores, y Magistrados, y tanto numero dellas, y otras, que no se pueden contar, y ã ay personas que nunca viuieron en tierra, ni la pisaron, porã en las mismas embarcaciones nacẽ, se crian, tratan, y contratan, trayendo en ellas sus hazẽduelas, puercos, anades, gallinas, y lo ã mas es, huertas,

estanques, y jardines, y ay tales destes vasos, q̃ ancorados a ciertas distancias siruẽ de mesones, hosterías, y ṽetas, adõde hallã todo seruicio, y regalo los pasajeros, y mareantes. Desto tratã largamẽte todos los Autores de aquellas tierras. Del muro q̃ diuide los Reynos de Tartaria, y China, de q̃ trata el Autor en el c. 97. ay acerca de su grandeza notable variedad entre los Autores: pero los mas autênticos le dã la misma distãcia, guardas, presidios, y fortalezas q̃ Fernã Mẽdez; y verdaderamẽte en esto, y en todas las admiraciones q̃ dize en esta historia, a el se le deue mayor credito q̃ a otros q̃ escriuieron de aquellos Reynos, como persona q̃ lo vio tã de espacio. Biẽ tratã esto Lucena¹³⁵ lib. 10. c. 21. Cruz¹³⁶ c. 2. y 4. Trigaucio¹³⁷ lib. 1. c. 2. y lib. 5. c. 12. Antonio Galuã¹³⁸ en sus descubrimiẽtos fol. 70. Mendoça¹³⁹ en la primera parte lib. 1. c. 5. y en la segunda cap. 17. Babia¹⁴⁰ en la tercera par. de su Pontifical c. 18. y generalmẽte los Autores de aquel Leuãte. En el c. 109. causa admiraciõ el edificio que alli trae, q̃ el llama, Tesoro de los muertos, porq̃ parece que tantos huessos no se podian juntar facilmente: pero esso, y la solenidad que vio en el [f. 5r] dize Lucena¹⁴¹ en el lib. 7. c. 8. Trigaucio¹⁴², Cruz, y Mẽdoça¹⁴³, y no deue espãtar pues Teodoro Escãdugino¹⁴⁴, y Paulo Iobio¹⁴⁵ en la historia de los Turcos, dize de muchas torres q̃ los Persas leuantarõ de las calaueras de aquellos barbaros mahometanos en las guerras Persianas: famosa es la q̃ dizẽ Passauino¹⁴⁶ en la descripciõ de Persia, y Beloro¹⁴⁷ in Chronologia Regũ Persarũ, q̃ hizo el Cãchiadogli, q̃ era de los cimiẽtos à la Piramide de calaueras Turquescas, y no es menos lo q̃ dize Celio Agustin Coriõ¹⁴⁸, tratãdo de las guerras de los Zimbros, q̃ jũto à Marsella, en Frãcia murierõ tãtos Turcos en vna batalla q̃ los naturales leuãtarõ palomares de sus huessos y cabeças, y hizierõ cercas y paredes dellos à sus huertas y jardines, y Antonio Bõfïnio¹⁴⁹ dize en sus Decadas Vngaricas, q̃ los Turcos lleuaron à Cõstantinopla algunos carros cargados de narizes de los Christianos muertos, para q̃ el gran Turco viesse los muchos q̃ auian vencido, por no poder llevar en aquel triunfo tãtos cuerpos. El cimiterio de la Parroquia de los Inocentes de Paris, es numerosissimo en huessos y calaueras, pues tiene vn claustro muy grande con mõtes dellos, aunq̃ sin tantos testigos quedaua prouado por razon bastante lo q̃ dize Pinto, pues

si tantas Prouincias, y de tantos Reynos, lleuauan a aquel tẽplo los huessos, ò los dientes por parecerles ã ansi ganauan gloria, ã ay que espantar que en el se juntassen tantos? En descriuir los famosos edificios de todo aquel Leuante, gasta nuestro autor muchos capitulos, y las mismas grandezas se puedẽ ver en todos les autores ã tratan de aquellas gentes de Asia, porã todos los pintan grandiosos y ricos. Famosos los descriue Lucena¹⁵⁰ en el libro quinto de la vida del Padre Xauier. En la ciudad de Nara pone muchos, y particularmente vno de metal dorado, y labrado curiosa y perfetamente de tal grandeza que yo no me atreuo à escriuirla, vease en el cap. 8. porã lo ã se dize de sus columnas, patios, porticos, y oficinas, parece ã mas facilmente se dize ã se imagina. El Padre Luys Floys¹⁵¹ en sus cartas dize, ã le contò nouenta y ocho columnas de cedro, que cada vna tenia tres braças de rueda con proporcionada altura, ã aprecia cada vna en cinco mil ducados, tan perfetas y ricas eran. De otro tẽplo dize Lucena¹⁵² en el mismo c. 8. Monasterio suntuoso, adonde auia vn altar tan grande ã cabian en el mil y quinientos idolos de la estatura de vn hõbre, dorados todos y repartidos por nueue ordenes, al rededor de vno de mayor grandeza, y cada vno de los ã le cercauan tenia tres cabeças y quarenta braços, que no seria el altar pequeño, ni lo es el numero de lâparas de plata y oro ã alli dize ã auia.

Es notable el ã pone en el cap. 19. del libro primero¹⁵³, dedicado a vn mono, tenia setenta columnas de marmol labrado, mayores ã las del Panteon de Roma, y hablando de los templos de Miacoo, en el cap. 8. del lib. 7¹⁵⁴. dize, que calla sus grandezas por no perjudicar à la verdad de la historia. El que Botero¹⁵⁵ trae en sus relaciones, dedicado à la tarãtola, ò lagartija, es famosissimo, y los tres mil y ochociẽtos que dize que ay en la sierra de Fregenoma e[n] la relacion del Iapõ. Grãdioso es el de Tremel, como dize Santos¹⁵⁶ en su Etiopia c. 8. de la segunda parte, y en la misma en el c. 9. dize notables cosas del templo del elefante y de Canarim, pues lo menos es ser abiertos en vna sierra de piedra cõ notables relieues, maçonerias y molduras, y tales en todo, que dize aquel autor¹⁵⁷ que justissimamente pueden ser estas dos fabricas contadas entre las marauillas del mundo, deste particular estãn llenos los autores.

Para el num. notable de religiosos, y religiosas (llamemoslos ansi) ã dize [f. 5v] que ay en aquellos Reynos, bastaua lo que dize el padre Cruz¹⁵⁸ en el cap. primero, que la gente diputada para el sacerdocio en la China, serà la tercera parte de la que tiene el Reyno. Vease Damian de Gois¹⁵⁹ en la historia del Rey don Manuel Iuan Pedro Mafeo¹⁶⁰, lib. 11. y 14. Sanroman¹⁶¹, y Trigaucio¹⁶² en muchas partes de sus historias: y para que no se admire el ã leyerer la nuestra, viendo tãto numero de religiosos en vn Monasterio; tantos Bonzos, y tãta diuersidad de habitos, y insignias, lease el cap. 16. del libro del Preste Iuã, de Frãncisco Alvarez¹⁶³, Fr. Iuã de los Santos¹⁶⁴ en su Etiopia cap. 17. 2. par. Luis de Paramo¹⁶⁵ de origine Inquisitionis, lib. 2. c. 19. in 6. aetate mundi. Razi¹⁶⁶ en la Coronica de santo Domingo, fol. 299. Galuan¹⁶⁷ en sus descubrimientos, fol. 70. Luzena¹⁶⁸ en muchas partes de su lib. Mẽdoça¹⁶⁹ c. 8. 19. 20. y 23. y por todo el lib. primero y segũdo. Fr. Gaspar de la Cruz¹⁷⁰ c. 5. 9. y 7. Botero¹⁷¹ en sus relaciones de China, Nar[s]jinga, Iapõ, y Siã. Rebullosa¹⁷² fol. 141. Leonardo Abel¹⁷³ en sus relaciones. Paulo Mariani¹⁷⁴ en sus jornadas de Egypto: y otros muchos, adõde se hallarã grandissimas comunidades de religiosos, y religiosas. De la grãdiosidad, aparato, y magnificencia de los cõbites de aquellos Gẽtiles de las comedias, y entremeses ã hazẽ: fiestas, dãças, saraos, y musicas: diuersidad de instrumentos, y de los palillos cõ ã comen, dizen graciosas cosas los Autores. generalmẽte Lucena¹⁷⁵ lib. 10. c. 13. Mendoça¹⁷⁶ lib. 3. c. 18. Trigaucio¹⁷⁷ lib. 1. c. 7. §. Conuiuia, por catorze paragrafos. Mendoça lib. 1. c. 24. y 28. y aunã Trigaucio lib. 3. c. 18. dize, ã no alcãçaron los Chinas clauicordios, el P. Cruz¹⁷⁸ en el c. 14 dize, ã los vio muchos y Mendoça¹⁷⁹ lib. 3. c. 14. de las fiestas, y cõbites destas gẽtes, trata muy a la larga. Mafeo¹⁸⁰ lib. 6. de su historia de la India, y Sãroman¹⁸¹ en la suya: y sin los lugares citados de Trigaucio¹⁸², en otros muchos de su Expedi. Christ. y particularmente en el cap. 11. del lib. 4. §. Volebat Eunuchus, adonde ay graciosas agudeças. Del modo de sacrificarse en las solemnidades, y fiestas Fr[.] Iuan de los Santos¹⁸³ cap. 8. de su Etiopia. Damiã de Gois¹⁸⁴ en la historia del Rey dõ Manuel. Mendoça¹⁸⁵ en su Itinerario c. 26. Trigaucio por todo el cap. 10. del lib. 1. Lucena en muchas partes del lib. 7. Cruz¹⁸⁶ cap. 13. Botero¹⁸⁷

en sus relaciones, las cartas del Iapon, y China, Mateo Ricio¹⁸⁸, Sanroman¹⁸⁹, y Mafeo¹⁹⁰. En el cap. 118. y 119. deste libro trata el Autor del castillo de Nixiancoo en la China: y porque el padre Mendoça¹⁹¹ en su libro 3. c. 3. de la primera parte, y en la segũda cap. 23. dize absolutamente, que en aquel Reyno no se vsan castillos, ni fortalezas, ni los ay, afirmãdolo en muchos otros lugares de aquella historia, parece ã estamos obligados à aueriguar el engaño deste padre, con autores autêticos, y que muchos años cursaron aquellas tierras, y no quisieron fiar su opinion de relaciones mal entendidas; porque ansi quede mas sabida la verdad de Fernan Mendez, la qual prouaremos con el padre Nicolao Trigauccio¹⁹², hõbre ã estuuo tantos años en aquellas partes, ã dize en su lib. de Christiana expeditione, ã ay castillos y fortalezas en la China, sacase del lib. 4. adonde dize el titulo del capitulo 11. *Quid nostris in Arce Thiësim contigerit*: y el §. 3. del cap. 13¹⁹³. tiene por titulo, *Aduenae, & legati quomodo tractentur in Arce*: auiendo puesto este titulo antes al mismo c. 13. *Nostri à rituum Magistratibus cõprehensi in Arcem legatorũ retrusi sunt*. Y en el cap. 4¹⁹⁴. del lib. 2. dize que se leuantò vna fortaleza en la Prouincia Esziauquimensi à costa de doze ciudades, y en el mismo lib. c. 2. §. Vtrũ, trata de fortalezas, y castillos; y en otras muchas partes de aquella historia. Babia¹⁹⁵ 3. p. Pontif. c. 18. in vita Sixti V. Lucena¹⁹⁶ lib. 10. c. 22. El P. Cruz¹⁹⁷, c. 5. y 7. Mateo Ricio¹⁹⁸ en sus Comentar. [*f. 6r*] Botero en la relacion de la China se acuerda del castillo de la isla de Tamo, la historia Ecclesiastica de Rebullosa¹⁹⁹, fol. 176. y Mafeo²⁰⁰, lib. 4. & 5. aunã pudieramos auer consultado menos autores, pues el mismo Padre Mendoça²⁰¹ muestra el decuydo suyo en su misma historia, pues en el cap. 6. del lib. 3. de la segunda parte, tratando del cosario Limahon, dize, que huyendo de la armada Española ã en su busca auia salido de las Filipinas, se recogio a vn fuerte en la isla de Pangasinan, y en el cap. 30 del mismo libro²⁰², dize, que saliendo los nuestros del puerto de Tantuso, vieron en el lugar de Guatin, ã està en la isla de Chautuba, vno y otro en tierra de la China, cinco furtes en que se defendia la gente de aquella isla de la infectacion ordinaria de los cosarios, con lo qual ya se vee quan claro cõtradize aquella afirmatiua primera, pues no aduirtio ã fuertes

castillos y fortalezas son sinonomos, como cõtra otros quieren Polieno²⁰³ en su libro de estratagemas, Vegezio²⁰⁴ de re militari, Vanucio²⁰⁵, Escalante²⁰⁶, y Vasconzelos²⁰⁷ en su Arte militar, de las penitencias ã hazian los Gentiles en la tierra del tẽplo de Tinagoogoo, de las processiones de aquel templo, y de los ã en ellas se sacrificauã; vease à Fr. Iuan de los Santos²⁰⁸ c. 8. de su Etiopia, Mendoça²⁰⁹ libro de su Itinerario, c. 28. Trigaucio²¹⁰ libro primero c. 10. y en la segunda parte de la historia de la China de Mendoça, c. 21. Galuan²¹¹ en sus descubrimientos fol. 56. Mafeo²¹², Sanroman²¹³, Botero²¹⁴, y Fr. Antonio de Gouea²¹⁵ en la jornada del Arçobispo de Goa, admira mucho lo que dize el autor en el cap. 54. que estando perdidos en vna isla sin tener que comer el, ni sus compañeros, que derrotados miserablemente auian alli tomado tierra, passò volando vn cueruo marino (ansi dize en sus originales) y no milano, como en los libros impressos, y al passar por encima de la cabeça del Capitan Antonio de Faria, se le cayò de las vñas vn albur, y que espantados de aquella nouedad, se llegaron à vna ribera, adonde hallaron muchos de aquellos cueruos, que abatiendose à las aguas se sustentauan de aquel pescado, lleuandolos en las vñas por el ayre, y que ellos dandoles mucha grita y voces, les hazian caer algunos con que se sustentaron muchos dias, no deue esto parecer milagro à los que leyeren las historias de la India, pues hallaran que sus naturales pescan con los mismos cueruos, y para esse entretenimiento los criã, como entre nosotros los paxaros de Altaneria, no digo (por no alargarme) como hazẽ aquella pesca, remito al curioso que quisiere saberlo al libro de la China del Padre Cruz²¹⁶ cap. 12. Sanctos²¹⁷ lib. 3. cap. 17. Mendoça²¹⁸ lib. 3. cap. 22. Trigaucio²¹⁹, Ricio²²⁰, Mafeo²²¹, Sanroman²²² y otros.

Del numero notable que dize de idolos, Mendoça²²³ lib. 1. cap. 9. y lib. 2. cap. 7. y en otras muchas partes, Santos²²⁴ en la segunda parte de su Etiopia, cap 7. Lucena²²⁵ en todo el lib. 7, Trigaucio²²⁶ lib. 1. c. 10. §. Idolorum multitudo visitur. Rebullosa²²⁷ desde el fol. 116. hasta el 120. Cruz²²⁸ en muchas partes de su libro, Damian de Gois²²⁹. Botero²³⁰ en sus relaciones de Pegu trae vna casa con doze mil idolos, y otras con veynte mil, y otras de muchos mas en la relacion de Siam, y Narsinga. Bauia²³¹ en la 3. par. de su Pontifical, cap. 18. in

vita Sixti quinti, pone otra con quatrocientos idolos y quatrocientas lamparas, si bien es así que se engañò en este mismo capitulo, diciendo, que las varelas de los Pegus, y de los Indios eran como nuestras ermitas, siendo así que son vnas piramides de quatro braças de alto la mas pequeña, son maciças de ladrillo y cal, doradas curiosamente, y en la cumbre tienen ciertos glouos de hierro con pomos y chapiteles de bronze, quaxados de campanillas de adonde se cuelgan las joyas, y ofertas que las hazen, adoranlas por dioses aquellos barbaros, y labranlas tan grandes para significar la celsitud y grandeza de sus falsas deydades, la mayor dize Botero²³² en sus [f. 6v] relaciones, que està en la ciudad de Degun, y es de tal altura, que desde ella se descubre la mayor parte del Reyno.

De los hõbres ã en el cap. 166. llama el Autor Caloges, y Fingaos, y dize, ã tenían los pies redondos, como vacas, y las manos vellosas: y otros cõ grandes lobanillos sobre el huesso sacro; no deue espatarse na[di]e, pues Antonio Galuã²³³ en sus descubrimiẽtos, fol. 32. dize, ã en la isla de Samatra los ay cõ rabos como carneros, y fol. 26²³⁴ dize ã en las islas Malucas los ay cõ espolones en los tobillos como gallos; y ã el Rey de Tidore le dixo, ã en la isla de Batampina auia hõbres cõ colas: tãbien lo dize fol. 72²³⁵. adõde se hallarà, ã en las montañas de los Andes, que son linde del Reyno del Peru, y el Brasil, entre otras grãdes marauillas, y admiraciones ã cuenta dellas, dize en el folio alegado, ã la mayor parte de los hõbres ã viuen las faldas destas sierras, son [t]u[e]r[t]os, y algunos ciegos, de manera, que por marauilla se hallan dos jũtos, sin ã el vno sea tuerto, ò ambos ciegos. El P. Gaspar de la Cruz²³⁶, dize en su libro, ã vio en el Malabar hõbres de pies, y piernas tã gruesos, ã era cosa notable. Y destas monstruosidades ay tanto escrito, y podia alegarse tanto, que hiziera facil lo mas dificultoso de nuestra Historia.

De los arcos triunfales ã tiene las calles, y de lo ã siruẽ, y de como los adornã las fiestas y solenidades cõ mucha riqueza, y luminarias, hablã generalmente todos los Autores, y el padre Cruz²³⁷ en el cap. 7. los tassa en tres mil ducados cada vno, segun son costosos y ricos. De ã tienen Vniuersidades y estudios generales, adõde a costa del Rey, ò Prouincia, se enseñan todas

ciências, y Artes liberales, y ã dellas tienẽ bastante conocimiento (aunq̃ mas imperfeto ã nosotros) dizelo Trigaucio²³⁸ en el cap. 3. del lib. 1. y en el quinto del mismo lib. este ã empieza de *Artibus apud Sinas liberalibus, ac scientijs deque literatorum gradibus*: y aquel de *Artibus apud Sinas mechanicis*. Que en todo genero son ingeniosissimos, digãlo las curiosidades ã de allà nos vienẽ. Lucena²³⁹ c. 5. lib. 7. Mẽdoça²⁴⁰ en su Itinerario del nueuo mundo, dize ã ay muchas Vniuersidades, aunq̃ solo para estudiar sus leyes, sin ã tengan mas conocimiẽto de otras ciencias, ò Artes, en lo ã se engaõ fuertemẽte, como tãbien lo hizo el padre Cruz en los capitulos 20. y 27. que aũque dize ã ay Vniuersidades y estudios, niega lo mismo, y verdaderamẽte cõtradizen al juyzio ã haze Aristoteles²⁴¹ de los moradores de Asia en el lib. 7. Polit. c. 7. y los de Europa, diziendo, que la ventaja ã hazen los de Poniente en esfuerço a los Orientales, les hazen ellos en la sutileza de los entendimientos.

De los modos singulares y estraños de las saluciones y cortesias de aquellos Gẽtiles, el padre Mafeo²⁴² en su Historia Indica en el lib. 6. despues de auer dicho graciosidades grãdes a este proposito, dize ansi fol. 134. *Salutandi ritus inter plebeios eiusmodi: laeuam in pugnum compressam obtegunt dextera, ambas [de inde] pectori saepiùs admouent, & simul accommodato ad gestum sermone, demonstrant amicum sibi conditũ haerere in medullis; at primores, brachijs arcuatim extensis, ac digitis vtriusque manus implexis, ident idem sese ad terram vsque submittũt, certãq̃, verborũ officijs inter se, vter posterior alterius, honoris causa quiescat*. Mendoça²⁴³ en muchas partes de su libro dize lo mismo, mas Trigaucio²⁴⁴ en el cap. 7. del lib. 1. tit. de Sinarum ritibus nonnullis, dize graciosas cosas acerca de sus cortesias, visitas, saluciones, y vrbanidades; vease todo aquel capitulo que es admirable. Babia²⁴⁵ en la 3. par. de su Pontifical in vita Gregor. XIII. los exagera tanto de cortesies y vrbanos, que dize, ã solo para dar vn jarro de agua vsan de ocho cortesias, que para asperarle con mucha sed, no serà gustoso. En todo lo que dize nuestro autor del bienauenturado padre Francisco Xauier, su vida, milagros, profecias, muerte, transmigraciones y sucessos. De lo que escriue de don Alvaro de Atayde, y Diego Pereyra, con todas las circunstancias, y

particularidades; se hallará muy largamente, y casi por las mismas [*f. 7r*] palabras en Iuan de Luzena²⁴⁶ por todo el libro nono; Ribadeneyra, Luis de Guzman²⁴⁷, y Mafeo, la Pontifical de Babia²⁴⁸ 3. par. cap. 16. in vita Gregorij XIII. Trigauco por todo el cap. 1. del libro 2. en 22. paragrafos, desde el primero, que empieça, *Beatus Franciscus Xauerius primus expeditionis Sinensis auctor*. Botero²⁴⁹ en la relacion de la China, y Iapon. Rebullosa²⁵⁰ fol. 172. Mateo Ricio²⁵¹ en sus Comentarios lib. 2. y fray Antonio de Sanroman²⁵² en su historia Oriental.

Del sepulcro que dize el Autor que hallò en tierras tan apartadas, de vn tio del vltimo Rey infiel de Malaca, con memoria de Alfonso de Alburquerque, habla Barrios²⁵³ en sus Decadas, y los Comentarios de Alfonso de Alburquerque²⁵⁴. La historia del Rey Bramaa, sus vitorias y conquistas, se hallará en las relaciones de Botero²⁵⁵; en el padre Cruz²⁵⁶ capitulo segundo y quarto; en Mafeo²⁵⁷, y Sanroman²⁵⁸. La entrada de los Tartaros en la China, y el cerco que pusieron sobre la ciudad de Pequim, se hallará en las relaciones de Botero²⁵⁹; en Cruz²⁶⁰ cap. 4. y en Paulo Iobio²⁶¹; Aytonio Armenio²⁶², y Matias de Micuy²⁶³.

Y para confirmar lo que dize de la venida de los Achenes sobre el Reyno de Aaru, està en la torre de Tumbo de Lisboa vna carta para el Rey don Iuan el Tercero de Portugal, que la escriuio Pedro de Faria, Capitan que entonces era de Malaca, su fecha de veinte y cinco de Deziembre, año de mil y quinientos y treinta y quatro, adonde da al Rey cuenta de aquella venida de los Achenes. Y del Embaxador, que dize Fernan Mendez que el Rey de A[a]r[u] embiò à Malaca a pedir municiones, y poluora, refiriendo lo mismo que en este libro dize nuestro Autor acerca de aquel particular, y haze memoria Pedro de Faria en esta carta, que yo vi, y lei de Antonio de Faria, el que en aquesta Historia se dize que murio en la conquista de la isla de Calempluy, entre otros Fidalgos que dize al Rey que estauan siruiendole en la India.

De la subersion de las Prouincias de Cuy, y Sansij, de que habla en el capitulo dozientos y veinte y dos: del niño que solamente quedò viuo entre tanta muchedumbre, De los ruydos, y voces que se oian de noche en aquel

lago. De los temblores de aquella tierra, y de la sangre que lloiu en Pequim por aquellos dias, dize lo mismo el padre Cruz²⁶⁴ cap. 29.

De Angeroo el Iapon, que despues de Christiano se llamò Paulo de santa Fè, dizen lo mismo que Fernan Mendez Babia²⁶⁵ en la tercera parte de la Pontifical, capitulo 96. Botero²⁶⁶ en la relacion del Iapon, Luzena²⁶⁷ en muchas partes de los libros 3. 7. y 10. Rebullosa²⁶⁸ folio 161. 162. y 163. Trigaucio²⁶⁹ lib. 2. cap. 1. §. Beatus Franciscus. Mafeo libro 14. Sanroman²⁷⁰, y otros muchos.

De los dioses Fatoquis, Amida Xaca, Gizõ, y Canom: y de las patrañas, sueños y mentiras que cuentã dellos. Del principio que los dan, y del respeto que los tienen, se puede ver en Mafeo²⁷¹ lib. 12. de su Historia Indica; y en el primero y quarto de sus cartas, adõde pone vn tẽplo suntuoso, y rico de Xaca, cõ vna estatua de tal grandeza ã llama el *Colosseum immanis magnitudinis Xacae signũ*, cõ otras de otros idolos no menores. Trigaucio²⁷² lib. 1. y 2. Botero²⁷³ en sus relaciones, Sãromã²⁷⁴, y otros.

Tantas razones huuiera, como ofrecemos Autores, para probar las admiraciones desta Historia, que yo las dexo del todo, por no proceder en infinito, de mas de que oy se vsan ingenios tan altaneros, y libres, ã pocas vezes los admitẽ en contra de su presunciõ, y en disfauor de la opinion ã abraçan; y aunque no saben formarlas, ni creerlas en cosas muy faciles y llanas, presumen de deshazer las mas compuestas, y cõtradezir las mas medidas; tales hã querido poner duda en que se librasse Fernã Mendez Pinto de peligros tan grandes, y tã ordinarios, como si la misericordia de Dios, y la disposicion libre de sus diuinos juyzios fuesse tan corta, y tan medida como nuestros faciles discursos; escuso de ha-[f. 7v]-zer algunos sobre duda tan risible, pues ay hartos exemplos en el mundo que bueluen por esta ventura: los Autores estàn llenos de hombres ã se libraron de muchos males, Plinio²⁷⁵ por todo el libro de Fortitudine, tiene admiraciones notables, Seneca²⁷⁶ en los de Clemencia, Yepes²⁷⁷ en sus Exemplos, Torquemada²⁷⁸, y los tres espejos del Velouacense²⁷⁹; Gregorio Tolosano²⁸⁰, Vitorio²⁸¹, y otros mil ã he leydo yo, y que callo por llegarnos mas a nuestros tiempos, en que nos seruiràn de abonados testigos Alonso de Aguilar en el descubrimiento de Chile, Hernando de Soto,

y sus cõpañeros en la Florida²⁸², y Aluarado, y Saauedra en Mexico, y Nueva España, que passaron tantos, y tales trabajos, que parece imposible poderlos resistir la vida. Estraños son los que cuẽta Garcisanchez de Figueroa²⁸³ c. 3. de su libro Ocidental, y el Inca Garcilasso²⁸⁴ en sus Comẽtarios Reales lib. 1. c. 8. de Pedro Serrano en el descubrimiento del Peru, pues estuuo tres años en vna isla desierta, adõde tomò tierra, perdido en vna tormẽta, sin abrigo, comida, defensa, ni vestido, resistiẽdo a tãtas inclemẽcias, y otros quatro años, acompañado de otro Castellano, que a caso le derrotò allí su fortuna, passando vno y otro lo que podra ver en estos Autores, el que dudare de la variedad de los sucessos humanos, y de la fortaleza de nuestra miseria, quando el cielo la sirue de defensa, y Dios quiere guardarla: porque, *Quis consiliarius eius fuit? & cognouit sensum Domini?*²⁸⁵

A la mucha memoria ã tiene Fernan Mendez de sus sucessos, culpã algunos, pareciẽdoles ã no es possible acordarse de tãtas particularidades, a estos fuera mejor no respõderles, pues sus mismos coraçones, y memorias les concluyràn con muchas experiencias; porã no es menester mucha anacardina, para acordarse vn hombre de los sucessos propios, quando son ò muy prosperos, ò muy aduersos. Quiẽ oluida facilmente sus penas? ò quiẽ ignora sus bienes, ni sus gustos? no por cierto quien los passa, y quiẽ los tiene: y siẽdo esto tan propio de nuestra naturaleza, aũ sin ningũ cuydado, ã ay que espantar, ã quien le tenia de hazer memoria de su vida, supiesse escriuir sus particulares todos? pues ansi como era facil boluer à escriuir aquellas copias quãdo se perdiessen (como el dize ã lo hazia) no es dificultoso a la memoria repetirlas de nuevo, quãdo quisiesse el discurso, ã las ideas de bienes, ò males, de cõtetos, ò dolores, dichas, o desdichas, son caracteres ã impressos vna vez en la imaginaciõ, y en los sentidos, no es el tiẽpo a borrarlos poderoso, pues pocos se hã olvidado de si mismos. Para lo ã dize de Persia se vea a Beroso²⁸⁶, Passauino²⁸⁷, Metastenes²⁸⁸, Niceforo²⁸⁹, Iosefo Escaligero²⁹⁰, Christiano Mafeo²⁹¹, Genebrardo²⁹², Procopio Tamira²⁹³, Agacio²⁹⁴, Zonaras Griego²⁹⁵, Tabarique²⁹⁶, Mircõd²⁹⁷, dõ Iuã de Persia²⁹⁸, Iosefo Barbaro²⁹⁹, Pedro Texera³⁰⁰, Fr. Antonio de Gouea³⁰¹, Iuã Bohemio³⁰², Mateo Palmerino³⁰³, y F.

Iuã de Pineda³⁰⁴, y Zurita³⁰⁵. Para lo ã dize de Tartaria vease a Matias de Mícu[y]^{306a}[.] ayton[i]o Armenio^{306b}, S. Antonino³⁰⁷, Paulo Iobio³⁰⁸, Antonio Bõfinio³⁰⁹, Celio Agustín Corion³¹⁰, Niceforo Gregoras³¹¹, y Iosef Barbaro³¹², y Pineda, y los Anales de Zurita, to. 1. Para lo ã dize de Etiopia, y la Abassia, lease el libro del Patriarca Fr. Iuã Bermudez³¹³, Frãcisco Aluarez³¹⁴, Fr. Iuã de los Sãtos³¹⁵, Põponio Mela³¹⁶[.] Lactãcio³¹⁷, el Luzero de la tierra Sãta³¹⁸, el Itinerario de Guerrero³¹⁹, Geronimo Querubin³²⁰, Frãcisco Alberese³²¹, Botero³²², y Pineda en su Monarquia Ecclesiastica. Para lo ã dize de Moscobia, Rusia, y Sarmacia, vease a Bartolomeo Anglico³²³, Sebastianus Mõsterus³²⁴, Ricardo Knoles³²⁵, Sigismũdo de Herbestrin³²⁶, Iuã Sanbuco³²⁷, Iuã Leon Clauio³²⁸, Nicolas de los Condes³²⁹, Chalcocõdilas³³⁰, Ricardo Tribulí³³¹, Armento³³², Marco Paulo Beneto³³³, y Pineda.

[f. 8r] Y porque no podemos, sin hazer vn volumen muy grande desta Apologia, poner particular defesorio de las grandezas, y admiraciones desta Historia; podra el curioso, que desseare aueriguar la verdad dellas, verlas muy por menor en los Autores ã han tratado de aquel Leuante, y ã aqui le cito, adonde yo las he visto de la misma manera que Fernan Mẽdez las escriue: y si algunos dellos se apartan algo, son los ã escriuieron por relaciones agenas, sin jamas auer salido de su casa: diligẽcia que merece poco credito, y muy grande este libro, si es verdad lo que dize la Glossa³³⁴ en la authentic. de instru. caus. Eccles. in princip. que, *Veritas est certa rei notitia, habita maxima[e] per visum*. Que es lo mismo a que aludio Aburacim Abençarique³³⁵, en la Historia de la perdida de España, culpando a los que escriuẽ por relaciones: porque al fin, *Nimiũ altercando veritas amittitur*. Como dixo doctamente Mateo Grimaldo³³⁶ de racione studenti, lib. 2. y así es sin falta, porque nunca las relaciones vienẽ vnas, aunq se hagan muchas en vn caso: de ã es fuerça que luego se siga lo ã dize el mismo Grimaldo³³⁷, que, *Eius, quod multipliciter exponitur, veritas ignoratur*. El hallarse el Escritor presente a los sucessos de ã escriue, abona grandemente la Historia por dudosa ã parezca: porq si es así, que casos particulares, ã suceden en vna calle, y aun quiça en vna casa, los vezinos della los suelen referir con tanta diuersidad, que apenas puede vn

hombre cuerdo determinarse à creer a los vnos, ò à los otros, siendo necessario para hazerlo, pensar muy por menor las circunstancias de las personas, del lugar, y el tiempo, y otras que mucho hazen al caso. Como podra esperarse mas certeza, ni seguridad de relaciones hechas sin parte, y traydas de tantas leguas y distancias? Llenas estàn las Historias mas graues destas faltas, por querer sus dueños fiar la opinion propia de papeles agenos; escudanse los tales con el dicho del venerable Beda³³⁸, en la prefacion al Rey Zeolulfo, que es la verdadera ley de la Historia, *Simpliciter colligere, quae fama vulgantur*, y engañanse neciamente; porque aunque es ansi, que en el discurso del tiêpo, en sus tornos, ambages, bueltas y rodeos, no puede tropeçar la verdad, ni faltar de su primera sustancia, como dixo la ley³³⁹, *Sicut falsis*, si empero la opinion del Escritor, que fiado demasiadamente en relaciones (las mas vezes sueños de hombres libres) culpa a la vista de agenos ojos, que à costa de mil trabajos se hallaron en tantas experiencias, abriendo puerta (como dize el Derecho³⁴⁰) para que la aficion, el interes, ò la enemistad hagan a los Escritores de la pluma espada, y de la espada pluma, que es lo que dixo san Isidoro³⁴¹, hablando de los Iuezes, y Ciceron³⁴² de la justicia. En este engaño cayò el Iobio³⁴³, contra quien se escriuió en Francia, por auer dicho en su Historia, que auian muerto en vna batalla algunos Caualleros Franceses, que entonces la estauan leyendo en Paris, y se passeauan en Leon, y el mismo se quexa, que en ella auia ofendido la honra de vn Capitan, por la siniestra informacion de dos soldados, para que se vea quanto credito merecen papeles sueltos.

No engrandezco el estilo desta version, pues se ha de ver, ni la apazibilidad, y sucessos admirables deste libro, pues de muchos se ha ya visto, y aunque estimo la censura del docto, despídome del fauor del murmurador, y del necio, y digo, ñ sino se aprouecharen deste libro, o por no quererle dar credito, ò no entenderle, tampoco le desaprouecharàn, sino le leyeren no le morderan, y sino supieren que ha nacido, no le buscaràn sepultura para enterrarle, y por esso no dexaremos de ser tan [*f. 8v*] amigos como de antes. Resta aora dezir, ñ si en las dificultades que en el [*se nos*] hã ofrecido, no ha podido dar fondo [*m*]i discurso, y ha salido de mis manos, como las del

ignorante platero la peça rica, por no auer sabido apartar la espuma de la plata. A la medida que en este caso se culpare à mi entendimiento, de que Dios me libre, es justo se disculpe à mi voluntad, que aun en desseos solos, como principio del obrar, se toman particularmente en assuntos tan leuantados, por *Dimidium facti*, como quieren Horacio³⁴⁴ y Ausonio³⁴⁵, pues dize el vno, *Aude, & incipe*, y el otro, *Incipe, & efficies*, que es lo de Seneca³⁴⁶, en el libro de *Moribus, Magn[a]rum rerum*, (dize el) *& si successus no fuerit, laudabilis est tamen ipse conatus*: aun no passando de serlo, aunq̃ pese à la embidia, y al vulgo, al qual suplico, por si llegare este libro à las Escuelas graues de sus hinchados Filósofos, que las cosas mas faciles ponen en disputa, ò à las Academias vanas de sus sutiles cortesanos, donde truecan la vtilidad de la sentencia, por el ornamento del hablar hinchado, que si es verdad de aquel dicho de Lactantio³⁴⁷, dicho tan en su fauor, y tenido por prouerbio verdade[r]o, *Plus sapit interdum vulgus, quia tantum quantum opus est sapit*: que sepa para culpar de los mios, el que dixo san Isidoro³⁴⁸ en el libro 3. de *Summo bono*, que en la leccion de los libros, *Non verba, sed veritas, est amanda, saepè autem reperitur simplicitas veridica, & falsitas composita*: porque al fin, *Cursum rectum, in vndoso isto mari tenere, & in summa fortuna non abripi licentiae ventis, magnum est*: porque no lo sabemos todos todo, y quando fuera ansi, es cierto lo de Seneca³⁴⁹, que, *Nec quidquam tam probè, aut prouide hic dici, non vellicare malignitas possit*. Dios te guarde. Euora y Mayo 30. de 1618.

Licenciado Francisco de Herrera Maldonado.

Notas

¹ Plinius de animal | ² Elianus de animal. | ³ Hier. sup. O[ss]jeae. | ⁴ Senec. Epist, 3: | ⁵ Eneas Syl. in proc. de mund. & vnib. | ⁶ Laur. Iust. Serm. de S. Ma[t]. Euang. | ⁷ Greg. Hom. 37. in Luc. | ⁸ Tulli. lib. 10. Officior. | ⁹ Ene. Syl. de dict. & fact, | ¹⁰ Sygism. & Federi. | ¹¹ Ius. Lypsius de const. | ¹² S. Ambros. lib. Epist. 70. ad Sabin. | ¹³ Chrysost. sup. Matt. | ¹⁴ Aug. lib. de Agõ. Chris. | ¹⁵ Cardan.

de rerũ var. |¹⁶ Victori. varia lection, |¹⁷ Gregor. Tholos. Dilucid. |¹⁸ Chrisost. tit. 3. Hom. 78. in c. 16. in Ioan. |¹⁹ Senec. Epist. 10. |²⁰ Platon. |²¹ Faborinus. |²² Horatius. |²³ S. Ambros. |²⁴ Marsil. Ficin. |²⁵ Baldus |²⁶ Tulli. |²⁷ Petr. M[o] sel. in orat. var. linguar. |²⁸ S. Hieron. |²⁹ Robert. Oliuetan. |³⁰ Aulus Gel. lib. 5. nocti. Athic. |³¹ Iuan Maria de Tolosa, in breuiloquio temporum. |³² Petr. Victor. variarum lection. |³³ D. Sebast. Couarr. in diction. Hisp. |³⁴ Senec. Epist. 84. in princip. |³⁵ Valer. Max. |³⁶ Hugon. lib. 5. Didascali |³⁷ Nicol. Trigautius de Christiana expedition. apud Sinas à Societ. Iesu suscepta. |³⁸ Gaspar de la Cruz lib. de la China. |³⁹ Iuan de Lucaena, in vita Xauerij. |⁴⁰ Ant. Galuan en sus descubrimientos. |⁴¹ Herrera Maldonado in Historia florid. |⁴² Mendoza, Histor. de China. |⁴³ Trigaut. lib. 1. |⁴⁴ Babia in 3. p. Pont[i]fical. |⁴⁵ Boterus Relation. |⁴⁶ Iuan de los santos historia de Etiopia. |⁴⁷ Rebullosa historia, Eccles. de Europa. |⁴⁸ Ribadeneyra. |⁴⁹ Mapheus. |⁵⁰ Luduui. à Guzm. |⁵¹ Blas de Valera. |⁵² Ioseph. de Acosta, |⁵³ Licenciado Polo. |⁵⁴ Petr. de Cie. |⁵⁵ Zarate. |⁵⁶ Miguel. Vaz. de Pad. |⁵⁷ Petr. Mart. |⁵⁸ Com. |⁵⁹ Cas. Epis. Chiap. |⁶⁰ Gomara. |⁶¹ Prado. |⁶² D[oct]. Ferd. de Cord. |⁶³ Rebullos. |⁶⁴ Boterus. |⁶⁵ Illescas. Pontif. |⁶⁶ Ant. de Herre. |⁶⁷ Iuan. de Pin. Monar. |⁶⁸ Sand. in Carol. V. |⁶⁹ Garcilas. Inca. Com. Real, lib. 3[.] c. 20. |⁷⁰ Idem lib. 3. c. 24. |⁷¹ Idem in eodem. |⁷² Valer. hist. Occid. lib. 5. cap. 4. |⁷³ Petr. Cie. cap. 94. |⁷⁴ Garcil. Inc. lib. 9. c. 1. |⁷⁵ Acost. cap. 22. |⁷⁶ Zarate lib. 1 c. 14. |⁷⁷ Fer. Lop. de Casta. hist. Orien. |⁷⁸ Boter. |⁷⁹ Trigaut. |⁸⁰ Cruz. |⁸¹ Babia. |⁸² Luzena. |⁸³ Mendoça. |⁸⁴ Mapheus. |⁸⁵ Guerrer. in epi. episto. Sinae. & Iaponi. Societ. Iesu. |⁸⁶ Mêdoça. |⁸⁷ Cruz. |⁸⁸ Trigaut. |⁸⁹ Lucaena. |⁹⁰ Alex. Valignan. in Epist. |⁹¹ Cruz, cap. 5. |⁹² Lucaena, lib. 10. c. 19. |⁹³ Idem in eodem. |⁹⁴ Archimed. lib. num. Arc. |⁹⁵ Cruz. |⁹⁶ Strab. li[b]. 5. |⁹⁷ Mendo. lib. 3 cap. 3. |⁹⁸ Nicol. Trigau. lib. 1. cap. 2. paragrafo verum ne. |⁹⁹ Mendoça |¹⁰⁰ Cruz. |¹⁰¹ Mapheus. |¹⁰² Fr. Ant. de Sanro. Hist. Orien. |¹⁰³ Trigau. |¹⁰⁴ Cruz. |¹⁰⁵ Trigaut. |¹⁰⁶ Mendoça. |¹⁰⁷ Maphe. |¹⁰⁸ Sanrom. |¹⁰⁹ Iorge Bruno de descri. ciuit[.] Orbis. |¹¹⁰ Luis del Marm. en su Afr. Iuan Leon in descrip. Afr. |¹¹¹ Cruz. |¹¹² Mendoça. |¹¹³ Boterus. |¹¹⁴ Iayme Rebul. in hist. Eccles. |¹¹⁵ Sanct. |¹¹⁶ Luzena. |¹¹⁷ Trigau. |¹¹⁸ Maph. |¹¹⁹ Sanroman. |¹²⁰ Mendoça, Itiner. |¹²¹ Luzena. |¹²² Trigaut. |¹²³ Marco Paul.

Ben. |¹²⁴ Oderic. |¹²⁵ Brun. |¹²⁶ Orteliu, |¹²⁷ Cruz. |¹²⁸ Mendoza. |¹²⁹ Trigaut. |¹³⁰ Luzena. |¹³¹ Mendoza. |¹³² Cruz. |¹³³ Trigauti. |¹³⁴ Luzen. |¹³⁵ Luzena. |¹³⁶ Cruz. |¹³⁷ Trigau. |¹³⁸ Ant. Gal. |¹³⁹ Mendoza. |¹⁴⁰ Babia. |¹⁴¹ Lucaen. |¹⁴² Trigaut. |¹⁴³ Mendoça. |¹⁴⁴ Teod. Scan. His. Turc. |¹⁴⁵ Job. His. Turc. |¹⁴⁶ Passau. in descript. Persi. |¹⁴⁷ Belor. in Chronol. Reg. Persar. |¹⁴⁸ Zel. Aug. Cori. in Zimb. |¹⁴⁹ Anton. Bonphin. Decad. Vng[a]r. |¹⁵⁰ Lucaen. in vita Xauerij. lib. 5. |¹⁵¹ Ludũ. Flois i[n] Epist. |¹⁵² Lucaen. |¹⁵³ Lucen. lib. 1. c. 19. |¹⁵⁴ Idem lib. 7. |¹⁵⁵ Boter. |¹⁵⁶ Sanctos in Etiop. |¹⁵⁷ Idem in eodem, |¹⁵⁸ Cruz. |¹⁵⁹ Damian de Gois Histor. del Rey D. Manuel. |¹⁶⁰ Mafeus. |¹⁶¹ Sanroman. |¹⁶² Trigaut. |¹⁶³ Francis. Alu. |¹⁶⁴ Etiop. Santos. |¹⁶⁵ Param. de origi. Inqui. |¹⁶⁶ Razi in Chro. D. Dominici. |¹⁶⁷ Ant. Galuan. |¹⁶⁸ Luzena. |¹⁶⁹ Mendoça. |¹⁷⁰ Cruz. |¹⁷¹ Boterus. |¹⁷² Rebullosa. |¹⁷³ Leonard. Abel relat. |¹⁷⁴ Paul. Marini in jorn. Egyp. |¹⁷⁵ Lucena. |¹⁷⁶ Mendoça. |¹⁷⁷ Trigaut. |¹⁷⁸ Cruz. |¹⁷⁹ Mendoça. |¹⁸⁰ Mapheus. |¹⁸¹ Sanrom. |¹⁸² Trigaut. |¹⁸³ Santos. |¹⁸⁴ Dam. de Gois. |¹⁸⁵ Mendoça. |¹⁸⁶ Cruz. |¹⁸⁷ Boter. |¹⁸⁸ Mat. Rit[.] Comm. |¹⁸⁹ Sanrom. |¹⁹⁰ Mapheu. |¹⁹¹ Mendoça. |¹⁹² Nicol. Trig. lib. 4. c. 11. |¹⁹³ Idem cap. 13. |¹⁹⁴ Idem lib. 1. c. 4. |¹⁹⁵ Babia. |¹⁹⁶ Luzena. |¹⁹⁷ Cruz. |¹⁹⁸ Ritius In Com. |¹⁹⁹ Rebullosa. |²⁰⁰ Mafeus. |²⁰¹ Mendoça. c. 6. lib. 3. |²⁰² Idem lib. 3. c. 30. |²⁰³ Polien. lib. Estrat. |²⁰⁴ Veget. de re milit. |²⁰⁵ Vanutius. |²⁰⁶ Escalant. |²⁰⁷ Vasconzel. |²⁰⁸ Santos. |²⁰⁹ Mendoça. |²¹⁰ Trigaut. |²¹¹ Galuan. |²¹² Mapheus. |²¹³ Sanroman. |²¹⁴ Boter. |²¹⁵ Fr. Anton. de Gouea. |²¹⁶ Cruz. |²¹⁷ Santos. |²¹⁸ Mendoça. |²¹⁹ Trigau. |²²⁰ Ritius. |²²¹ Mapheu. |²²² Sanrom. |²²³ Mendoça. |²²⁴ Santos. |²²⁵ Lucena. |²²⁶ Trigaut. |²²⁷ Rebullo. |²²⁸ Cruz. |²²⁹ Gois. |²³⁰ Boter. |²³¹ Bauia. |²³² Boter. Relat. |²³³ Anton. Galuan. fol. 32. |²³⁴ Idem fol. 26. |²³⁵ Idem in eodem. |²³⁶ Gasp. de la Cruz cap. 4. |²³⁷ Cruz. |²³⁸ Trigau[t]i. |²³⁹ Lucen. |²⁴⁰ Mendoça. |²⁴¹ Arist. lib. 7. Pol. cap. 7. |²⁴² Ioan. Pet. Maph[.] lib. 6. |²⁴³ Mendoça. |²⁴⁴ Trigaucio. |²⁴⁵ Babia. |²⁴⁶ Luzena. |²⁴⁷ Luis de Guz. |²⁴⁸ Babia. |²⁴⁹ Boterus. |²⁵⁰ Rebullosa. |²⁵¹ Matheo Rit. |²⁵² Sanroman. |²⁵³ Barrios Hist. gener. |²⁵⁴ Alfons. de Albu[r]quer. |²⁵⁵ Boterus |²⁵⁶ Cruz. |²⁵⁷ Maph. |²⁵⁸ Sanrom. |²⁵⁹ Boterus. |²⁶⁰ Cruz. |²⁶¹ Paulo Job. |²⁶² Ayton. Arm. |²⁶³ Mat. de Mic. |²⁶⁴ Cruz. |²⁶⁵ Babia. |²⁶⁶ Boterus. |²⁶⁷ Luzena. |²⁶⁸ Rebullos. |²⁶⁹ Trigau. |²⁷⁰ Sanroman. |²⁷¹ Maph. Hist. Indica. |²⁷² Trigaut. |²⁷³ Boter. |²⁷⁴

Sanroman, |²⁷⁵ Plino. lib. de fortitud. |²⁷⁶ Senec. de Clemen. |²⁷⁷ Yepes lib. Exempl. |²⁷⁸ Turrecrem. |²⁷⁹ Vicent. Velouacens. in Specu. |²⁸⁰ Gregor. Tolos. syntax Artis mirab. |²⁸¹ Victor. variar. lect. |²⁸² Herrera Maldonado Hist. de la Florida. El In[c]a Gar. la Flor. |²⁸³ Garcisanchez de Figueroa, lib. Ocid. c. 3. |²⁸⁴ El Inca Garcilas. Cõ. Rea. lib. 1. c. 8. |²⁸⁵ Esai. c. 40. Sapiẽ. c. 11. Paul. ad Rom. c. 11. & ad Cor. Ep. 1. c. 2. |²⁸⁶ Beros. |²⁸⁷ Passauin. |²⁸⁸ Metastenes. |²⁸⁹ Nicef. |²⁹⁰ Ioseph Scalig. |²⁹¹ Christ. Maph. |²⁹² Geneb. |²⁹³ Procop. Tamir. |²⁹⁴ Agat. |²⁹⁵ Zon[a]r. |²⁹⁶ Tabar. |²⁹⁷ Mircõ. en su Tarique. |²⁹⁸ Dõ Iuã de Persia. |²⁹⁹ Ioseph Barb. |³⁰⁰ Pet. Teix. |³⁰¹ Ant. Gob. |³⁰² Bohem. |³⁰³ Palm. |³⁰⁴ Pineda. |³⁰⁵ Hier. Zurita. |^{306a} Micu. |^{306b} Ayton. |³⁰⁷ S. Anto. |³⁰⁸ Paul. Iob. |³⁰⁹ Bonfin. |³¹⁰ Corion. |³¹¹ Nicefor[.] |³¹² Ioseph. Barb. |³¹³ Bermud. |³¹⁴ Fran. Aluar. |³¹⁵ Iuã de los Sãt. |³¹⁶ Põp. Mel. |³¹⁷ Lactan. |³¹⁸ Luzero de la tierra Sãta. |³¹⁹ Guerrero. |³²⁰ Querub. |³²¹ Aluer. |³²² Boter. |³²³ Bar. Angli. |³²⁴ Muns. |³²⁵ Ricar. Knol. |³²⁶ Sigis. de Herb. |³²⁷ Sãb. |³²⁸ Leon Clau. |³²⁹ Nic. de los Cõd. |³³⁰ Chalc. |³³¹ Ric. Trib. |³³² Armen. |³³³ M. P. Beneto. |³³⁴ Glos. in auth. de instru. caus. Eccles. |³³⁵ Abençarique Historia de la perdida de España. |³³⁶ Math. Grimal. de ration. studen, lib. 2. |³³⁷ Idem in eodem. |³³⁸ Venerab[.] Beda, in princ. praef. ad Reg. Zeolulph. |³³⁹ L. sicut falsis. C. de fals. |³⁴⁰ Cap. quatuor 11. q. 3. |³⁴¹ S. Isidoro. |³⁴² Tulus. |³⁴³ Paulus Iobi. |³⁴⁴ Horatius. |³⁴⁵ Ausonius. |³⁴⁶ Seneca, lib. de Moribus. |³⁴⁷ Lactantius Fir. lib. 11. instit. |³⁴⁸ Isidoro lib. 3. de sum. bon. |³⁴⁹ Senec. Ep. 20.

Referência

MALDONADO, Francisco de Herrera. Apologia en favor de Fernan Mendez Pinto, y desta Historia Oriental. *In*: PINTO, Fernan Mendez. **Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto portugueses [...]**. Madrid: Tomas Iunti, 1620. ff. 1r-8v. Disponível em: <http://data.onb.ac.at/rep/104A70C2>. Acesso: 13 jun. 2022.